

Teatro na Terceira Idade – possibilidades e limites de uma prática cênica

Graciele Barbosa de Moraes Barros

Trabalho de Projeto-Mestrado em Artes Cênicas

Abril, 2014

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas realizado sob a orientação científica de Cláudia Madeira, Professora Doutora no Curso de Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Nova de Lisboa e co-orientação de Rita de Cássia Oliveira, Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa .

Dedico este trabalho aos idosos do Grupo de Teatro Ativo-UEPG que representam, para mim, a vontade de viver expressa através de uma adesão à prática teatral que mostra ser esta uma importante alternativa na melhoria da qualidade de vida dos idosos e na procura de um mais saudável modo de envelhecer.

AGRADECIMENTOS

À **minha Mãe**, pela sua dedicação e amor em todos os momentos da minha vida.

Ao **meu Pai**, por contar com ele sempre.

Aos **meus Avós**, por serem a maior inspiração para este trabalho e pela maturidade e otimismo que me passaram durante a vida.

À **minha Família**, pela paciência e por simplesmente estarem comigo.

Aos **meus Amigos**, que sempre me apoiaram, em especial à **Beatriz**, à **Ester** e à **Mariana**.

Ao **Recolhimento Nossa Senhora do Carmo da Lapa- Lisboa**, pelo seu acolhimento na minha estadia em Portugal e por ser outro grande incentivo para este trabalho.

À **minha orientadora Professora Doutora Cláudia Madeira**, pela orientação cuidada durante a pesquisa e pela confiança que depositou em mim.

À **minha co-orientadora Professora Doutora Rita de Cássia Oliveira**, pelo seu carinhoso acolhimento e por acreditar na minha proposta de trabalho.

Aos **Professores do Curso de Mestrado em Artes Cênicas**, pelos ensinamentos e sabedoria que me passaram.

À **Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR**, pela oportunidade de desenvolver este projeto com esta componente prática.

Teatro na Terceira Idade – Possibilidades e limites de uma prática cênica

Trabalho de Projeto-Mestrado em Artes Cênicas

Graciele Barbosa de Moraes Barros

RESUMO

Este trabalho de projeto de mestrado foi planejado buscando uma intervenção sobre uma questão social real e atual: o aumento mundial da longevidade e consequentemente da população de idosos. Nesse contexto surge uma nova demanda, a necessidade de se oferecer a essa população alternativas de atividades que impactem positivamente na sua qualidade de vida e diminuição de demandas para o setor saúde, por exemplo. Assim surge a importância e o papel do teatro na terceira idade enquanto promotor de um estado de atividade individual ao nível físico, mental e social, que permita a manutenção de uma autovalorização do idoso. O teatro, espaço de representação, sentidos e expressões passa a ser uma forma de recriação de vivências, de lembranças, plenas de significados e capazes de serem expressas de forma lúdica, mas fundamentais para auto determinação de um grupo de idosos, objeto de estudo deste projeto. Para isso, o objetivo foi desenvolver uma reflexão sobre a ação do teatro sobre a população idosa, particularizada num grupo específico, visando perceber qual o contributo deste na melhoria da qualidade de vida dos idosos estudados, potencializando a sua emancipação. Identificar a possível melhor autovalorização dos idosos estudados através das práticas teatrais e buscar efetivá-lo foi o desafio. O projeto realizado foi de natureza prática desenvolvida através de um projeto de teatro que foi aplicado ao grupo de idosos definido. Complementarmente foi desenvolvida toda uma pesquisa teórica deste projeto.

PALAVRAS-CHAVE: teatro, idosos, qualidade de vida, práticas sociais e artísticas.

ABSTRACT

This master's degree work was planned upon searching for an intervention over a real and current social question: the world's increase in longevity, and consequently the increase of the elderly population. Within this context there rises a new demand, which is the necessity of offering this population activity alternatives which will cause a positive impact in their quality of life, plus the decrease in the demands for the health sector, for instance. Thus comes to light the importance and the role of the theater for the elderly, as a promoter of a state of individual activity at the physical, mental and social levels, which will allow for the maintenance and self-esteem of the elderly. The theater, the representation space, feelings and expressions become a form of recreating experiences and memories that are meaningful and capable of being expressed in playful way, yet elemental for the self determination of a given elderly group, which are the object of this study. In order to achieve this, the objective of this study was to develop a reflection about the action of the theater over the elderly population, particularly of a specific group, with the intent of determining how it contributes to the improvement of the quality of life for the elderly that were studied, thus bringing about the potential for their emancipation. This work also identifies the best possible way to induce self-esteem on the elderly that were studied, through theatrical practices, and the challenge was to put it into effect. The project had a practical nature

developed through a theater project that was applied to a determined elderly group. And, complementary, a whole theoretical research was developed for this project.

KEYWORDS: theater, elderly, quality of life, social and artistic practices.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I – ESTRUTURA CONCEPTUAL	10
I.1. Da origem do teatro	10
I.1.1 A preparação do ator.....	14
I.2 Envelhecimento	17
I.3 Teatro na Terceira Idade	22
CAPITULO II – O TRABALHO DE PROJETO	26
II.1 Questões norteadoras	26
II.2 Objetivos	27
II.3 População alvo e Amostragem.....	28
II.4 Metodologia.....	31
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
III. 1 As memórias	35
III. 2 A Peça	35
III. 3 Avaliação	38
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	51
APÊNDICES.....	55
APÊNDICE A - Entrevista Realizada Com O Grupo Ativo Da Uati Em 03 De Dezembro De 2013, Sem A Presença Do Aluno Cacau, O Qual Não Pôde Estar Presente	55
APÊNDICE B - Peça de teatro: O encontro	62
APÊNDICE C - Feedback da peça	72

LISTA DE ABREVIATURAS

EAD	–	Educação a Distância
FPA	–	Fundação Perseu Abramo
OMS	–	Organização Mundial de Saúde
PNAD	–	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SESC	–	Serviço Social do Comércio
TEB	–	Teatro do Estudante no Brasil
UATI	–	Universidade Aberta à Terceira Idade
UCTI	–	Universidade Continuada para a Terceira Idade
UEPG	–	Universidade Estadual de Ponta Grossa

INTRODUÇÃO

Quando se fala em representação, parece não haver clareza do conceito, pois este termo é definido por uma série de noções variadas como imaginário(s), ideologia(s), mito(s) e mitologia(s), utopia(s) e memória(s). Denise Pereira (2008) afirma que a expansão recente da história cultural popularizou entre as ciências humanas e sociais o termo “representações”, promovendo esta noção a uma posição-chave na historiografia. Etimologicamente, "representação" provém da forma latina “repraesentare” – fazer presente ou apresentar de novo. Ou seja, fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto. Este conceito foi apropriado pelos historiadores para viabilizar a compreensão das práticas culturais ao longo do tempo: “[...] os homens elaboram ideias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade”.¹ Para Chartier (2002, p. 67), a representação é fundamental nas análises da história cultural, pois permite articular tal representação com o mundo social, cultural econômico, etc.

Assim, na medida em que o teatro pode ser considerado um elemento revelador da maneira de pensar e agir dos homens, podemos dizer que traduz uma atividade que pode funcionar como veículo de transformações negativas em positivas.

A denominada terceira idade, de maneira geral, tem sido definida por diversas gerações através de uma série de valores e práticas, que as identificam pelo próprio processo de envelhecimento. Foi pensando nisso que pretendi buscar na história de vida desses idosos algumas ideias e vivências que, através do teatro, pudessem ser colocadas em cena, podendo assim sintetizar suas histórias de vida.

¹ PEREIRA, Denise. **Os Festejos de Sant’Ana**: reafirmação de fé religiosa para Ponta Grossa (1930-1965). Monografia do Curso de Pós Graduação em História, Arte e Cultura, 2. ed. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008, p. 46. Roger Chartier também trabalha com um conceito que entendemos central para este trabalho, que é o ponto de lutas de representação, pois nas fontes encontradas as visões que apresentam nos fazem perceber este campo.

Tomando por objeto de estudo a intervenção no grupo de Teatro Ativo dos Idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Paraná, Brasil, que decorreu no período de Setembro a Dezembro de 2013, este projeto procurou envolver ativamente os participantes no grupo, nomeadamente através da construção do guião da peça que foi sendo construída de forma participativa e coletiva através das vivências e memórias que foram sendo apresentadas pelos elementos deste grupo.

A partir da efetivação da peça, nomeadamente das técnicas de interação grupal e do processo participativo de construção de personagens, foram analisados os discursos dos participantes nesta sua experiência teatral.

Esse relatório apresenta a caminhada construída com o Grupo de Teatro Ativo e referencia autores e conceitos que nos permitem entender a importância do teatro para esta faixa etária. Para melhor compreensão, o texto foi organizado em três capítulos, a saber: o Capítulo I trata de uma breve contextualização do Teatro e a denominada Terceira Idade, caracterizando, assim, o teatro na terceira idade. O Capítulo II refere-se ao Trabalho de Projeto propriamente dito, no qual foram expostos os objetivos traçados, as razões da escolha do tema e do local, os recursos utilizados e a população alvo. Já no Capítulo III apresentam-se alguns resultados e conclusões.

CAPITULO I – ESTRUTURA CONCEPTUAL

I. 1. Da origem do teatro

Segundo Oliveira,

[...] a arte dramática é um objeto semiótico por natureza. O conceito do que entendemos hoje por teatro é originário do verbo grego "theastai" (ver, contemplar, olhar). Tão antiga quanto o homem, a noção de representação está vinculada ao ritual mágico e religioso primitivo. Acredita-se que o teatro nasceu no instante em que o homem primitivo colocou e tirou a máscara diante do espectador, com plena consciência do exercício de "simulação", de "representação", ou seja, do signo. (1998,p.1)

Para Magalhães Junior (1980, p.4), a palavra teatro é de origem grega, provém da forma grega *theatron* e derivada do verbo “ver” (theastai), olhar com atenção, perceber, contemplar. Posteriormente, passou para o latim como “*theatrum*”. O autor afirma que, embora alguns de nós pensemos que o teatro seja uma invenção grega, ele é anterior a isso, pois é uma manifestação artística que esteve presente na cultura de muitos povos e que foi se desenvolvendo espontaneamente em diferentes lugares do mundo, ainda que, na maioria dos casos, por imitação. Até mesmo antes de florescer o teatro grego na antiguidade, a civilização egípcia já tinha nas suas representações dramáticas as expressões da sua cultura. Pensa-se que essas representações tiveram origem religiosa, tendo como intuito a exaltação das principais divindades da mitologia egípcia.

Três mil anos antes de Cristo já existiam representações teatrais. E foi depois do Egito que essas representações passaram para a Grécia, onde o teatro teve um crescimento bastante significativo e admirável, graças à genialidade dos dramaturgos gregos. E por isso, para o mundo ocidental, a Grécia é o berço do teatro, embora a precedência seja do Egito. Tal como aconteceu no Egito, o teatro no continente asiático também emergiu com características ritualísticas religiosas.

Segundo Ferreira (2011) o teatro no Brasil surgiu quando Portugal fez do país sua colônia no século XVI. Com o intuito de catequizar os índios já existentes no Brasil,

os jesuítas levaram consigo uma nova religião (católica), e a ensinaram através do teatro e da literatura. Juntamente com os eventos festivos dos indígenas, a primeira forma de teatro que os brasileiros conheceram foi a dos portugueses, a qual associava ao elemento religioso um elemento pedagógico, que se baseava na leitura da bíblia. Mais tarde conjungaram-se num mesmo espaço – tempo, jesuítas e seus autos de catequização, os indígenas e escravos celebrando nos seus rituais as suas divindades.

Assim, o teatro passou a ser utilizado como instrumento de educação religiosa, de diversão e, apresentando um caráter supostamente civilizador. As primeiras peças foram escritas pelos jesuítas, em tupi, português ou espanhol, até chegar o latim em 1584.

No século XVII, além do teatro envolvendo a catequese, surgem outros tipos de teatros que celebram as festas populares e acontecimentos políticos, alguns lembram muito o carnaval como conhecemos hoje, segundo CACCIAGLIA. “ As pessoas saíam às ruas para comemorações vestidas com adereços, desfilando mascaradas, dançando, cantando e tocando instrumentos.” (1986, pg 06)

Com a chegada da família real no Brasil, em 1808, o teatro dá um grande salto. D. João VI assina um decreto de 28 de maio de 1810 que reconhece a necessidade da construção de "teatros decentes" para a nobreza que necessitava de diversão. Grandes espetáculos começaram a chegar no Brasil porém, além de serem estrangeiros e refletirem os gostos europeus da época eram somente para os aristocratas e o povo não tinha qualquer participação, o teatro não tinha uma identidade brasileira. (CACCIAGLIA,1986.p12)

Só no século XIX o teatro brasileiro começa sendo um dos marcos, citado por diferentes autores. O dia 13 de março de 1838, data em que foi encenado um drama por uma companhia genuinamente brasileira, com atores e temáticas brasileiras. Nessa época surgem as Comédias de Costumes onde se buscava em fatos da época situações para arrancar da plateia muitos risos. “Muitos autores teatrais surgiram como Antônio Gonçalves Dias, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Luís Antônio Burgain, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Norberto da Silva, Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, Agrário de Menezes, Barata

Ribeiro, Luigi Vincenzo de Simoni e Francisco José Pinheiro Guimarães.”
(CACCLIAGIA,1986,p.14)

Em 1855 surge o teatro realista no Brasil, o teatro deixa de lado os “dramalhões” e visa o debate de temas atuais, problemas sociais e conflitos psicológicos tentando mostrar e revelar o cotidiano da sociedade, o amor adúltero, a falsidade e o egoísmo humanos.

Com o golpe militar em 1964 veio a censura e um número enorme de peças foram proibidas e só a partir dos anos 70 o teatro retoma a sua produção.

Na história do teatro, o Teatro popular serve para designar a produção teatral do povo para o povo, onde de maneira geral os espetáculos são feitos nas ruas, nos sindicatos, de modo a aproximar-se dos trabalhadores. O Teatro comunitário surge a partir da necessidade de entretenimento, da diversão e com o objetivo de levar à participação de todos, através da expisição dos testemunhos e sentimentos expostos pelos próprios. (MARTINS apud PINTO 2009 p.108).

O teatro comunitário aparece aí como o porta-voz da cultura, reativando o valor do lugar-comum e, ao mesmo tempo, ampliando esse lugar; estendendo o diálogo para um contexto mais amplo, para uma visão de mundo e de valorização do espaço rural.(PINTO,2009,p.03)

Para Bidegain(2011), o teatro comunitário têm em comum com o teatro popular o setor de onde provém e para onde é destinado, assim como o estímulo à participação do público, muitas vezes sendo em espaços públicos e o trabalho em equipe.

Outra questão importante para Bidegain sobre o teatro comunitário é que como espectadores, nunca vemos o mesmo espetáculo, ou seja, quando se estréia um espetáculo, o mesmo vai se modificando de acordo com a resposta do público, com a entrada de novos integrantes ao grupo, afinal quando falamos em teatro comunitário, estamos ciente de que é feito por grupos que imprevisivelmente podem não estar no dia seguinte. E assim, acabam trabalhando com diferentes versões de um mesmo personagem.

De maneira geral, a autora afirma que os grupos de teatro comunitário estão em permanente renovação, se reconstituindo de integrantes que entram e saem. E vale lembrar aqui, que quando nos referimos à grupos de terceira idade isso é ainda mais frequente.

No teatro comunitário, as criações coletivas buscam um relato que fale de todos, ou de “nós”, respeitando a identidade de cada grupo. Conseguem capturar qualquer tipo de público, fazendo com que o mesmo se espelhe naquilo que se está sendo apresentado.

Bidegain(2007) afirma que os grupos de teatro comunitário não tem quaisquer tipo de filiação partidária ou religiosa e não recebem dinheiro por ele, o que deixa claro que se não fosse pela questão afetiva, não seria possível concebê-lo. O teatro comunitário trabalha com a integração e a inclusão, dando assim a oportunidade de qualquer indivíduo participar e incorporar-se num trabalho, que expressa idéias e sentimentos e muitas vezes o salva de uma exclusão.

“El teatro comunitario surge como necesidad de un grupo de personas de determinada región, barrio o población de reunirse, agruparse y comunicarse a través del teatro. Es un tipo de manifestación y expresión artística que parte de la premisa de que el arte es un derecho de todo ciudadano y, que como la salud, el alimento e la educación, debe estar entre sus prioridades. Por esta razón propone a la comunidad asumirlo como tal y no delegarlo en otros.” (Bidegain, 2007, p. 33)

Nesta perspectiva, podemos ter uma breve contextualização de aspectos que julgamos importantes na história do teatro. Contudo, nosso objetivo não é trazer uma narrativa temporal exaustiva sobre sua origem, mas, perceber como através dele é possível operacionalizar práticas culturais significativas.

I.1.1 A preparação do ator

No livro *A preparação do ator* (2010), Gonçalves referencia que, para Stanislavski², o trabalho do ator não pode ser uma simples imitação ou uma repetição do trabalho de outros atores, antes deve exercitar a sua imaginação e seu espírito, de maneira que o resultado seja sempre original.

Já na apresentação do mesmo livro, Gielgud afirma que os atores, no seu íntimo, são inseguros, embora devam parecer ter uma autoconfiança ilimitada perante a sua plateia. Assim, qualquer diretor pessoalmente hostil, sem tato, pode com facilidade tirar-lhes toda a confiança própria.

Por outro lado, quando se fala em dificuldades do ator, segundo Stanislavski (2010), os atores precisam de uma “prova de palco”, já que muitas vezes, os atores só descobrem suas possibilidades e limitações quando se vêem em meio a um ensaio de um papel que exige muito deles. E é aí que podem notar se estão ou não estão preparados.

Neste sentido para Stanislavski importante é a veracidade que o ator apresenta em palco. Em uma das suas aulas, o seu diretor Tortsov havia lhe dito: “[...] na vida comum, a verdade é aquilo que existe realmente, aquilo que uma pessoa realmente sabe. Ao passo que, em cena, ela consiste em algo que não tem existência de fato, mas poderia acontecer.” (2010, p. 168).

Então, basicamente, no teatro não importa se um punhal, por exemplo, é feito de metal ou papelão, mas sim como o ator, como ser humano, teria agido se as condições e as circunstâncias que envolviam o personagem fossem reais e se aquele punhal fosse real. O diretor Tortsov explica ainda que acreditar na realidade daquilo que se está representando, é o mais importante na vida de um ator, pois “tudo que acontece no palco deve ser convincente para o ator, para os seus associados e para os espectadores.” (2010, p. 169).

Já que aqui nos referimos especificamente aos idosos, pergunta-se: o que faz de um ator, (neste caso um idoso que participa numa peça) lembrar-se mais das

²Mais conhecido por **Constantin Stanislavski**, foi um ator, diretor, pedagogo e escritor russo de grande destaque entre os séculos XIX e XX.

memórias antigas que as mais recentes? Stanislavski cita que Tortsov para responder a isto:

Você é capaz de imaginar como é realmente a nossa memória emocional? Imagine um certo número de casas, com muitos quartos em cada casa, em cada quarto inúmeros armários, prateleiras, caixas, e, em algum lugar, numa delas, uma pequena missanga. É bem fácil achar a casa certa, o quarto, o armário e a prateleira, Mas já é mais difícil encontrar a caixa exata [...] (2010, p. 213).

E é isso que se passa nos arquivos da nossa memória. Umas mais acessíveis do que outras. Stanislavski, afirma ainda que um ator, independente dos papéis que interpreta, deve sempre usar os próprios sentimentos.

Sempre e eternamente, quando estiver em cena, você terá de interpretar a si mesmo. Mas isto será numa variedade infinita de combinações de objetivos e circunstâncias dadas que você terá preparado para seu papel e que foram fundidos na fornalha da sua memória de emoções. (2010, p.217).

Assim, quando um ator está interpretando com veracidade um monólogo, por exemplo, ele está expondo as ideias do autor, mas ao mesmo tempo falando por si mesmo, como alguém que é colocado nas circunstâncias criadas pela peça.

Para expor emoções, como fazem os artistas? O pintor coloca-se frente as suas telas, o pianista senta-se ao piano, etc. Stanislavski diz que, em suma, o ator vai para o palco, exprimir suas emoções através das suas técnicas e criações, onde sua mente, seus sentimentos entram de acordo para mobilizar uma ação. Contudo , diz ele ainda, há questões que vão além disto . De nada adianta ao ator, antes de representar, vestir-se e maquiar-se para que sua aparência exterior esteja o mais próxima possível do personagem, se vier a esquecer-se do mais importante, que é a preparação interior da personagem. O ator deve chegar ao camarim (principalmente se tiver um grande papel) duas horas antes de entrar em cena.

Então, fica nítido que ser ator não é uma mera forma de representar algo ou alguém, mas uma maneira muito mais profunda de tentar encontrar em si mesmo algo para contribuir com o seu personagem.

No teatro, necessita-se de muita energia, o que requer mais volume vocal, as ações físicas são intensas, os movimentos que têm impulsos não reais podem/devem parecer reais. É importante, para estudar um texto, entender a discussão humana do texto, ou seja, entender a situação em que o personagem se encontra, o que o leva a ser de tal maneira, qual a sua intenção, pois de contrário corre-se o risco de fazermos sempre apenas nós mesmos.

Devido ao fato do ator “emprestar” a vida ao personagem, é importante que o ator acredite no que está a representar, ou seja, se o interior estiver por inteiro o exterior vai surgir naturalmente.

Outra questão importante na ação cênica é a emoção. Sabe-se que para estar emocionado é preciso livrar-se das tensões externas. As crianças são um bom exemplo para isso, pois respondem aos estímulos de maneira intuitiva e esse é o processo que tem de ser reaprendido quando se chega à idade adulta. Essa emoção deve também ter uma voz, um bom ator dispõe de várias vozes, ou seja, o teatro apoia-se num trabalho de transformação da voz natural.

A partir dos seus livros *A preparação do ator*, *A criação de um papel*, *A Construção da Personagem*, entre outros, podemos em linhas gerais traçar alguns pontos importantes:

- Nos primeiros contatos com o papel, o ator deve considerar a leitura como um momento de extrema relevância dentro do processo de criação do personagem, afinal, é aí que se têm as primeiras impressões do papel. Nesse processo o ator deve compreender a estrutura do texto, juntamente com as ações do personagem. E, assim, o ator deve pensar um passado e perspectivas de um futuro para essa personagem.
- Estabelecido um passado, presente e futuro para o personagem, o ator deve buscar aspectos psicológicos, ou seja, perguntar-se: “O que eu faria se a mesma coisa acontecesse comigo da mesma maneira que aconteceu com o personagem?” Desta maneira, o ator pode descobrir as razões das atitudes tomadas pelo personagem que ele está representando.

- O ser humano é, muitas vezes, emocionalmente contraditório, por isso o ator deve dar ao seu personagem um caráter verdadeiramente humano, no que se refere às suas emoções. Se o personagem for um homem bom, por exemplo, deve-se sondar o que esse homem pode ter de mau.
- A memória emotiva é um ponto de extrema importância para o ator, pois é necessário que ele utilize a memória sensorial (sensações armazenadas), ou seja, sons, imagens, aromas, gostos, etc. Essas sensações que o farão reviver as emoções já sentidas alguma vez, é o que permite tornar real o trabalho do ator.

I.2 ENVELHECIMENTO

As investigações e os estudos sobre envelhecimento e terceira idade têm-se ampliado de maneira significativa nos últimos anos, o que pode ser comprovado na literatura especializada no Brasil, em obras como as de Lima Filho, *Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos idosos na família e na comunidade* (2004); as de Manzi, Silvia e Frazão, Yasmim, em *Saúde e Rejuvenescimento: Você saudável pôr dentro e pôr fora* (2011); Malagutti, ou mais recentemente, as de William e Bergo, Ana Maria Amato, em *Abordagem Interdisciplinar do Idoso* (2010).

É possível observar o envelhecimento da população no mundo e a sua importante repercussão nos âmbitos social, político e econômico. Com o crescimento da população idosa, surgem novas e importantes necessidades de intervir com esse grupo etário. Esta reflexão sobre o envelhecimento amplifica-se também nas universidades e nos projetos voltados para esta faixa etária que têm colocado em foco propostas inovadoras, que promovem a autoestima dos idosos, representando, assim, a luta contra os preconceitos, muitas vezes, existentes em relação a esse grupo populacional.

De acordo com Oliveira (2008), a obra da autora Ecléia Bosi *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* inaugura uma nova proposta metodológica, segundo a qual teoria e empirismo se conjugam e investigador e objeto de estudo estabelecem

relações de reciprocidade. Portanto, no presente trabalho, pretende-se seguir a mesma linha de pensamento da autora Ecléia Bosi, a qual analisa entrevistas com oito pessoas idosas residentes na cidade de São Paulo que aí viveram sua infância. Para a autora, a história é contada através da memória social dos sujeitos entrevistados.

Para Oliveira (2008, p. 38 apud BOSI, 1979) "[...] fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças [...]"

Por isso, Ecléia Bosi responde à questão "Por que temos que lutar pelos velhos?". Colocada por Marilena Chauí em sua apresentação do texto "Os trabalhos da memória", na obra *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, de Ecléia Bosi:

[...] os idosos são a fonte, a raiz da cultura, onde o passado se conserva e onde se prepara o presente. A função social do idoso é aconselhar e lembrar, mas a sociedade capitalista de certa forma impede essa lembrança, o usa para o trabalho e recusa seus conselhos. (BOSI, 1979, p. 18).

De acordo com a autora, há discriminação na velhice, mas como se dá? Para Chauí, dentre as diversas formas destaca-se por intermédio dos asilos, da aposentadoria, dos mecanismos sutis, como a recusa do diálogo (que forçam o idoso a comportamentos repetitivos e monótonos), da tolerância, da má-fé, etc. É possível que ser idoso numa sociedade capitalista seja o mesmo que sobreviver.

Andrade(2012) comenta que embora possa parecer estranho, em nossa cultura de hoje, o termo velhice pode, por estar próximo da morte, assumir uma conotação pejorativa, quase que como uma ofensa ou insulto. Talvez por isso o termo tenha sido mal usado desde a década de 90 do século XX. É preciso que entendamos que o processo de envelhecimento é algo biológico e inevitável. Para Andrade, a morte não é um privilégio da velhice, visto que a morte se dá em todas as idades.

A velhice na sociedade capitalista costuma ser vista como sinônimo de invalidez e improdutiva. Isto no Brasil se reflete muitas vezes não apenas no âmbito social, mas também familiar, verificando-se que a sua participação nas decisões da

família se reduz conforme se envelhece. O idoso enfrenta diversas dificuldades com relação ao relacionamento com pessoas de diferentes faixas etárias, principalmente com a juventude. Portanto, é necessário que sejam realizados trabalhos de qualificação para estes jovens, para que desde cedo possam lidar até mesmo com a sua própria velhice.

Então, aí surge a necessidade de os idosos exercitarem suas visões críticas da realidade em que vivem e que podem transformar essa realidade.

Por isso Bosi afirma: “Nós é que temos que lutar por eles”. Chauí comenta que, esse texto em que Bosi trabalha a memória social de idosos da cidade de São Paulo vai revelar como a diferença dos trabalhos realizados por eles é determinante na produção das lembranças.

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsa seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito [...] (HALBWACHS, 1994, apud HEMÒGENES).

No entanto, Bosi afirma que, hoje, na era da informação, a busca pela sabedoria está cada vez mais frágil, substituída pela opinião. A narração foi substituída pela informação, sobretudo da imprensa, de modo que artistas que se casam, por exemplo, ganham mais destaque do que uma revolução.

Então, qual seria o valor da velhice? Seria se tornarem os velhos a memória viva da sociedade e da família?

Com base na pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade”, a qual partiu da iniciativa da Fundação Perceus Abramo (FPA)³, Venturi e Bokany (2007), no capítulo “A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado”, afirmam que a relevância desse estudo veio do fato de que até a década de 1980, o Brasil ainda podia ser considerado um país com população jovem, porém,

³ Que conta com o SESC (Serviço Social do Comércio) como uma das parcerias.

com a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida nas últimas décadas esse perfil vem-se alterando.

Consideramos importante destacar que o número de brasileiros a partir de 60 anos já está próximo dos 18 milhões de cidadãos, ou seja, 10% da população, conforme a PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2005. Esse número deve dobrar por volta de 2030, o que poderá corresponder a um quinto da população brasileira, de acordo com as projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O que poderia caracterizar a velhice? Ainda segundo Venturi e Bokany (2007), a percepção da velhice mostrou-se ligada principalmente a aspectos negativos, tanto entre as representações dos idosos (88%) como entre os não idosos (90%). O desânimo, a perda da vontade de viver, doenças e limitações físicas são, para a grande maioria, o principal alerta de que a velhice chegou.

Entretanto, quando questionada sobre como se sente com a idade que tem, a maioria da população idosa brasileira responde positivamente, sendo baixa a percentagem da população que responde negativamente. Mesmo sendo preponderantemente negativa, a maior parte dos idosos sente-se bem, e a maioria não se sente idosa, ou seja, só a partir dos 70 anos de idade é que a maior parte dos idosos no Brasil se sente como tal.

Ainda com base na pesquisa “Idosos no Brasil (...)”, Doll (2007) afirma que existe uma crença de que a atividade física é de suma importância para quaisquer setores da sociedade, inclusive para que se atinja um envelhecimento pleno e saudável.

O tempo livre aumenta de forma significativa para as pessoas idosas, pois com a democratização do tempo livre para a maioria da população no século XX, diminuíram-se as horas de trabalho e aumentou o tempo livre, principalmente com a aposentadoria. No entanto, o trabalho traz ao trabalhador a sensação de utilidade, de reconhecimento e integração na sociedade, ao passo que o lazer ou o tempo, sem o seu contraponto, traz possivelmente um sentimento de vazio e exclusão.

Doll (2007) comenta que, para certas atividades serem realizadas, as pessoas precisam de determinadas competências e performances, o que muitas vezes na

terceira idade pode ser afetado por incapacidades físicas ou mentais ou até mesmo por resistências internas, ou seja, imaginários e concepções dos idosos que os limitam a envolver-se em atividades físicas.

Quando comparados grupos de idosos que nunca foram à escola com aqueles que obtiveram ensino médio e superior, nota-se uma grande diferença, pois os mais escolarizados desenvolvem mais atividades que envolvam a leitura, por exemplo. Idas a teatros, cinemas, museus são feitas por idosos que dispõem de recursos financeiros. Por sua vez, os com mais baixa escolaridade têm menor frequência nas atividades de lazer, talvez pela dificuldade de acesso, a não valorização dessas práticas e a falta de hábito. Esse grupo também, segundo Doll, na maioria das vezes associa lazer ao descanso.

Schwanz (2006) refere em sua pesquisa que a categoria "terceira idade" foi construída na França, nos anos 60, e "refere-se a uma emergente realidade da velhice, ligada a um novo tempo de lazer e não mais associada à miséria, doença e decadência, o que, em geral, ocorria após a aposentadoria" (FRUTUOSO, 1996, p.33).

Em 1963, surgem no Brasil os grupos da terceira idade no SESC de São Paulo, o qual foi pioneiro na criação do lazer para grupos de idosos aposentados. Já a partir dos anos 1980 e principalmente nos anos 1990 são criadas no Brasil as Universidades da Terceira Idade, seguindo o exemplo de vários países (como França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica) que, nos anos 1970, criaram programas educacionais para idosos com vínculos em universidades e educações de adultos.

Nesta perspectiva, Doll enfatiza que, embora tenhamos uma oferta educacional positiva para os idosos, a questão não é oferecer simplesmente quaisquer atividades a eles, mas sim que essas atividades tenham alguma relação com a sua identidade, com as suas necessidades e competências.

I.3 TEATRO NA TERCEIRA IDADE

Em entrevista com Sofia Neuparth (2013), do Centro em Movimento (C.E.M) - Lisboa⁴, esta referia: “tu vens ao CEM com aquilo que tu és e vens sendo. O que praticas no CEM é uma ampliação da tua perspectiva de si própria e do mundo. É um estudo que põe sempre lado a lado o começar e o continuar.” Tendo essa perspectiva como base, podemos partir da ideia de “continuidade” entre arte e vida, ou seja, para Neuparth é importante criar uma autonomia, onde os idosos possam dar continuidade ao trabalho teatral independente do responsável formal pela atividade iniciada, potencializando as suas competências pessoais.

Esta ideia é partilhada por outros autores, como Coutinho (2008), para quem a arteterapia com idosos é algo que vem crescendo e fazendo diferença na vida da terceira idade. Para ela, o tempo impõe, sim, algumas limitações, mas também nos acrescenta em diversos aspectos, como em experiências, sensibilidade, sabedoria e, em alguns casos, a coragem.

Pode uma terapia ser desenvolvida por meio da arte? De acordo com Coutinho, isso é realmente possível, pois o exercício da criação, seja de sons, imagens e movimentos, juntamente com o autoconhecimento, apresenta benefícios terapêuticos.

Coutinho (2008) refere que Benedetto Saraceno comenta em seu livro “Libertando identidades- da reabilitação psicossocial à cidadania possível” que algumas das perdas que podem caracterizar o envelhecimento (motoras, sensoriais) muitas vezes acabam sendo supervalorizadas no âmbito familiar ou sociocultural em que o idoso vive, e isso acaba por se refletir em questões afetivas. É claro que as perdas são notórias e reais, mas é importante perceber que também há aspectos que se mantêm ou melhoram na vida da pessoa.

É necessário que se entenda esse processo, de maneira que todos os indivíduos que fazem parte dele sejam capazes de oferecer algo ao grupo. Outra questão que Coutinho coloca é a da “produção”, ou seja, uma vez que o idoso já não desenvolve mais uma atividade de trabalho (embora hoje, haja muitas exceções), parece que isso

⁴ Estrutura de investigação artística, sediada em Lisboa, que envolve o corpo enquanto movimento.

deve ser associado a ideia de que já não “contribua” para a sociedade .E é aí que entra a arteterapia, com o intuito de criar e produzir arte, buscando no idoso uma autovalorização, que dê uma vivência saudável e consciente do idoso.

Poderia ser o medo do envelhecimento o que impede muitas pessoas de trabalharem com idosos? Esse é um questionamento que fazem os terapeutas que lidam com idosos. Coutinho afirma, num dos seus exemplos em seu livro, que a terapia na terceira idade não tem o intuito de provocar um mal-estar sobre coisas que já não podem ser modificadas, e o que se pretende é que o idoso possa compreender-se e entender que foi feito o possível.

Sabe-se que muitas histórias, ao longo do tempo, foram sendo conservadas na mente das pessoas e isso vai se refletindo na medida em que se percebe o momento e a relevância para com aquilo que está acontecendo na sua vida. E com isso, vêm as reflexões que se faz da vida e a percepção de que o tempo impõe muitas mudanças. Começar a perceber as mudanças do corpo, da pele, dos cabelos diante de uma sociedade regida por padrões de beleza não deve ser uma tarefa fácil ou a própria aproximação da morte, são questões com as quais o idoso tem de se defrontar.

Coutinho (2008) afirma, ainda, que segundo Simone de Beauvoir em seu livro *A velhice*, quanto mais velhos ficarmos maior será o número de perdas com as quais teremos que conviver. Portanto, Coutinho explica que envelhecer traz consequências psicológicas que normalmente estão ligadas à morte. E diz que é muito pertinente a observação de Salzedas e Bruns apud Coutinho: “[...] a negação da velhice aparece nos codinomes ‘melhor idade’, ‘segunda adolescência’, ‘adulto maior’, [...] No arco-íris da existência, negar-se a enxergar as cores da trajetória de nosso existir significa negar a si mesmo”. (2008, p. 74).

Portanto, seguindo a tendência atual da preocupação com a terceira idade, encontramos a ideia da educação permanente, a qual busca manter os idosos atualizados, tendo como exemplo as Universidades da Terceira Idade. A arteterapia também pode ajudar a diminuir alguns preconceitos com relação à criatividade dos idosos, pois Coutinho afirma que, ao criar e fazer arte, estamos falando de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa história, dos nossos medos e aspirações.

No início do trabalho de projeto, em Setembro de 2013, no momento de relatar suas vivências, alguns idosos ficaram receosos ao se exporem, mas quando perceberam que o que teriam de expor dependia da sua memória de vida, tranquilizaram-se. Contudo, no decorrer das aulas viram que tinham muitas coisas em comum em suas histórias, cada um com sua particularidade, mas de maneira geral perceberam que muitos tiveram uma vida dedicada à família, tendo que trabalhar, o que limitou para alguns, o acesso à escola.

Essas memórias podem representar diversas coisas, uma reinvenção do passado, um silêncio, um sofrimento. Mas aqui tivemos reações extremamente maduras, não por suas idades avançadas, mas pela vontade e compreensão daquilo que estavam fazendo.

Em seu trabalho, Schwanz (2006) aponta que, para Halbwachs,

[...] a lembrança é em larga medida com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada. (HALBWACHS, 1991, p.71).

Nas nossas lembranças, dificilmente estamos sós, geralmente há outros indivíduos envolvidos; e nas lembranças de família, às vezes trazemos à tona recordações que não são exatamente nossas, são de outros.

O teatrólogo Augusto Boal, idealizador do Teatro do Oprimido, tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar o teatro, tornando-o um instrumento eficaz na compreensão e na busca de alternativas para problemas sociais e interpessoais. Suas vertentes – pedagógica, social, cultural, política e terapêutica – propõem-se a transformar o espectador (plateia) em protagonista da ação dramática (sujeito criador e transformador), estimulando-o a refletir sobre o passado, transformar a realidade no presente e inventar o futuro, através de um conjunto de jogos, exercícios e técnicas teatrais.

O trabalho de projeto que desenvolvemos na UATI se insere neste contexto, pois acreditamos que, ao propiciar aos idosos atividades que os façam pensar e

repensar sobre suas vidas, através de um exercício de memória, da dramatização, estamos imediatamente imersos na capacidade de valorização do idoso e na valorização de sua autonomia.

O teatro na terceira idade é, portanto, um espaço de arteterapia, e um espaço de resgate da memória social dos sujeitos que vivenciaram determinada época.

CAPITULO II – O TRABALHO DE PROJETO

II.1 Questões norteadoras

Ao iniciar este trabalho de projeto, muitas dúvidas se colocaram: que caminho seguir? Por qual formato de trabalho optar? A tarefa não foi fácil, pois a opção por uma linha de atuação nos leva a caminhos diferentes na execução. E quanto mais nos aproximávamos do momento da definição, maior a angústia. Face a isso, uma série de processos nos levou à decisão. Primeiramente, partiu-se das orientações do próprio programa de pós-graduação em Artes Cênicas, em que a opção se deu “pela concepção e desenvolvimento pelo aluno de uma aplicação original de conhecimentos e competências adquiridas à satisfação de fins sociais, culturais e/ou económicos identificados” (Manual de orientação), ora a ideia de aplicar os conhecimentos para os fins sociais sempre foi uma constante em minha vida. Seria então essa uma possibilidade?

Antes da experiência em Lisboa, cursando o Mestrado em Artes Cênicas, o meu percurso por diversos cursos de teatro no Brasil me possibilitaram uma visão muito ampla do mundo teatral, pois nas peças em que participei sempre houve atores de diversas idades, o que considero positivo porque nos faz lidar com diferentes tipos de pessoas e nos leva a adotar um tipo de linguagem mais claro, em que a compreensão e a tolerância falam mais alto. Mas seria essa uma possibilidade de projeto? Poderia desenvolver uma prática envolvendo pessoas sem conhecimentos teatrais acadêmicos? Como seria o processo de “decorar as falas”? De trabalhar a marcação de palco? Ia eu ter adesão de participantes num projeto de pessoas não profissionais?

Tais questões sempre vinham à tona, mas no tempo que estive em Lisboa, entre 2012 e 2013, realizei trabalho voluntário no Centro de Recolhimento Nossa Senhora do Carmo da Lapa, na Lapa, exercendo atividades de formação artística, mais especificamente de prática teatral. Lá tive a oportunidade de conhecer profissionais que trabalhavam com gerontologia e viam no teatro uma possibilidade de se reforçar a memória dos idosos. O trabalho que aí procurei desenvolver com a linguagem teatral

estava muito ligado ao trabalho social, pois procurei utilizar o teatro como ferramenta para melhorar a compreensão da sua memória e, com isso, pensei poder melhorar o envolvimento no âmbito social.

Nova indagação, com a experiência vivenciada em Lisboa: devia eu avançar com uma proposta de trabalho de projeto, voltada para fins sociais? Surgiu então a oportunidade de trabalho remunerado na UEPG-Teatro Ativo. A partir daí outras questões norteadoras foram delineadas: É possível, a partir de um grupo de idosos participantes de uma prática teatral construir uma peça com as memórias de cada um? Que momentos de vida, de trabalho, ou situações de tristeza, alegria, deverão ser escolhidos para o guião da peça? Qual a metodologia a ser utilizada para dar voz a todos e considerar cada vivência? Que espaço cênico devemos utilizar? Que dificuldades serão enfrentadas?

O trabalho de projeto foi definido como um estudo sobre representação cênica com base nas memórias dos idosos e, para obtê-las, cada um escreveu uma lembrança da sua vida que considerou importante e assim pôde representar no palco, ou seja, as vivências dos idosos pertencentes à UATI-UEPG foram registradas e, através de seus relatos, foi construída uma peça teatral que envolveu a memória desse grupo específico.

II.2 Objetivos

O objetivo geral foi analisar como o teatro pode potencializar uma melhor qualidade de vida e autovalorização dos idosos através da utilização das suas vivências e memórias, como uma base para um desdobramento em práticas teatrais.

Procurou-se, ainda, ampliar a participação dos idosos em atividades culturais. Da mesma maneira, buscou-se elevar e resgatar a autoestima deles, através da construção e adaptação de um espaço cênico, que foi construído e utilizado por eles mesmos.

O objetivo secundário foi obter uma variedade de experiências, informações e sentimentos, levando-se em conta que a interação do grupo é a principal vantagem na sua utilização para poder gerar dados.

II.3 População alvo e Amostragem

Não podemos falar em população alvo sem descrever, ainda que rapidamente, o espaço geográfico que caracteriza as pessoas que participaram desse trabalho de projeto. Entende-se que espaço socioeconômico é determinante nos grupos sociais. Não basta falar em Brasil, pois nesse país de dimensões continentais, a diversidade de costumes, cultura, hábitos e práticas sociais precisa ser particularizada no Estado do Paraná, onde se situa a cidade de Ponta Grossa.

O Estado do Paraná situa-se ao sul do Brasil, possui 399 municípios dentre os quais 70% têm uma população com menos de 50 mil habitantes. Dentre essa configuração estadual, a cidade de Ponta Grossa, cidade sede deste trabalho de projeto, encontra-se entre as 5 cidades de médio porte, com 331.084.000 habitantes e localiza-se no centro do estado do Paraná. É o núcleo de uma das regiões mais populosas do Paraná e o maior parque industrial do interior do estado. É a quarta (4ª) mais populosa cidade do Paraná e 76ª do Brasil.

A população é composta das mais diversas etnias. Em seus primórdios, ela se deu pela soma de desbravadores portugueses, tropeiros e famílias ilustres vindas principalmente de São Paulo. A partir do início do século XX, se estabeleceram eslavos (russos, polacos e ucranianos), árabes, italianos, japoneses, irlandeses e alemães, sendo alemães e eslavos os mais numerosos.

Assim, o plano histórico que desvela a formação brasileira e especificamente paranaense move-se numa trama de relações complexas e inseparáveis entre si. E encontramos, a partir desse processo dinâmico do plano histórico, uma estreita relação com a cultura, pois vamos percebendo que as elaborações realizadas mediante a atitude criativa dos homens são consolidadas em forma de hábitos, costumes e usos

“ordenados segundo uma hierarquia de valores, estabelecidos num contexto cultural e legitimados pelos setores dominantes da sociedade [...]”. (MELO, 1983, p. 23).

No Paraná-Brasil, isto ocorre porque a estrutura econômica de uma sociedade determina mudanças na estrutura social como um todo e na consciência de seus membros. Assim, as ideias e concepções teóricas, bem como todas as formas de consciência, não têm uma existência independente e autônoma, mas estão vinculadas à atividade material e às relações existentes entre os homens. Portanto, os indivíduos, ao habitarem determinado espaço geográfico “datado e situado”, extrapolam a simples questão da moradia, e estabelecem com o “ambiente um processo complexo de relações que torna a ocupação espacial um fato político”. (MELO, 1983, p. 49).

A realidade econômica tem não só relação com a prática política dos homens, mas também com as várias formas de pensamento usadas para representá-los. Não se pode, portanto, desvincular o pensamento enquanto atividade da consciência, das condições históricas reais da produção. “A consciência, está indissoluvelmente, ligada às condições materiais de produção da existência, das formas de intercâmbio e cooperação, nascendo as ideias da atividade material do homem e não da sua atividade mental”. (SEVERINO, 1986, p. 26).

É preciso, portanto, que busquemos compreender a lógica das relações que se estabelecem entre os homens, considerando as determinações econômicas, o espaço geográfico, a distribuição do poder e a divisão social do trabalho, levando em conta as especificidades regionais e as “formas culturais” como cada grupo social as representa.

Para isso, é urgente que o nosso “olhar” se dirija à realidade cotidiana, compreendendo-a como correspondente a uma determinada sociedade e época histórica, como um espaço “bem mais complexo do que aquele representado pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classes através dos quais fomos socializados”. (VELHO, 1979, p. 45).

Parece-nos que o papel do investigador é o de revelar, através da investigação, as mudanças sociais ocorridas como resultantes das decisões e interações cotidianas e não apenas ao nível das grandes transformações. E isto, por certo, ocorrerá na medida em que o nosso interesse se volte para as pessoas que se encontram cotidianamente,

fazendo parte do cenário da nossa própria vida, mas compreendidas em sua existência, a partir da prática real e do seu processo de desenvolvimento histórico-social.

Na cidade de Ponta Grossa, por ser um polo de desenvolvimento regional, surgiu a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), instituição que acolheu este trabalho de projeto. Criada pelo Governo Estadual do Paraná em 1969, a UEPG é uma das instituições mais importantes do Paraná.

A UEPG conta com 36 cursos de graduação presenciais, 11 cursos de graduação EAD (Educação a Distância), 19 cursos de mestrado e 9 doutorados. Tem aproximadamente 800 funcionários, 1.100 professores e mais de 10 mil alunos. E é a partir dela que temos a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), criada como extensão da UEPG em 1992. Em 1994, foi criada a Universidade Continuada para a Terceira Idade (UCTI), com o intuito de acolher os idosos egressos da UATI que apresentavam interesse em continuar com as atividades na universidade.

A UATI conta hoje com 19 disciplinas, como Teatro, Informática, Ginástica, Caminhada, Aulas teóricas XVIII, Hidroginástica e Natação, Seresta, Atividades esportivas, Espanhol, Inglês, Artesanato, Dança de salão, Brinquedos e brincadeira, Dança circular, Dança de salão, Contador de História, Arte e Cultura gaúcha, Pintura em tela e Aulas estágio de inserção.

São realizadas também viagens e eventos, organizados por professores, funcionários e alunos. A UATI, com todas essas atividades, tem o objetivo de integrar e melhorar a qualidade de vida do idoso.

Os idosos participantes da UATI são representativos da população de Ponta Grossa, a maioria dos quais são descendentes de imigrantes, têm vinculação com suas famílias; são escolarizados; são alegres e hospitaleiros; reúnem-se frequentemente para festas familiares, encontros com amigos e são solidários com as dificuldades alheias.

Segundo Richardson (1989, p. 157), “universo ou população-alvo é o conjunto de elementos que possuem determinadas características [...]”. A população-alvo foi constituída pelos idosos (as) que fazem parte do grupo de Teatro Ativo da UATI/UEPG. Em relação à amostra, foi selecionado um sub grupo, pois a UATI/UEPG conta com 450

idosos, que se envolvem com diferentes atividades, e desses foram selecionados 12, aqueles envolvidos com o grupo de teatro.

Por questões pessoais, uma idosa faltava com frequência às atividades e acabou por ficar fora da peça. Assim, dos 12 idosos iniciais, 11 participaram da atividade proposta, estando sua faixa etária compreendida entre 60 e os 87 anos, sendo 10 mulheres e 1 homem. Este foi, portanto, o universo de estudo.

II.4 Metodologia

O tipo de pesquisa foi baseado no método qualitativo, através da observação participante e da realização de entrevistas durante e após o desenvolvimento do projeto artístico. As metodologias qualitativas são aquelas

[...] capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes *aos atos, às relações e estruturas sociais*, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1999, p.10).

Nesta pesquisa, optou-se pela metodologia de Grupo Focal (Focus Group), por levar em consideração a possibilidade das diferentes visões dos indivíduos constituintes do grupo.

Considerando que a metodologia do Grupo Focal surgiu em 1941, com os estudos de Robert Merton, e apenas na década de 1980 os cientistas sociais a começaram a utilizar com maior intensidade, pode-se dizer que esse método é definido como uma coleta de dados na qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir diversos sujeitos ao mesmo tempo, ou seja, obtendo representações de pequenos grupos sobre determinado tema.

De acordo com Powell e Singles (1996 apud GATTI, 2005), essa metodologia constitui-se a partir de um grupo de pessoas reunidas e escolhidas pelo pesquisador, cujo objetivo é dialogar sobre um determinado tema. A opção por se trabalhar com

esse método da coleta de dados se deve ao fato de que “o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações de eventos, práticas e atitudes [...]” (GATTI, 2005, p. 11).

Os pesquisadores portugueses Galego e Gomes (2005) afirmam que, através dessas relações recíprocas que se estabelecem no processo desse método do grupo focal, há um autodescobrimento, portanto, uma emancipação.

Segundo Marino (2003, p. 76), esse ferramenta que se usa no grupo focal “é uma técnica de abordagem que utiliza pequenos grupos para obter informações qualitativas sobre tópicos específicos”. Permite, assim, obter o ponto de vista de 8 a 12 pessoas ao mesmo tempo, de forma mais célere do que efetuado em entrevistas individuais.

Assim, o grupo focal como metodologia pareceu ser compatível e coerente com o propósito aqui apresentado; o motivo do projeto foi explicado com toda clareza aos sujeitos participantes do grupo de teatro, que sempre tiveram autoridade sobre o que registraram das suas lembranças, e consciência do que faziam. A veracidade exata das narrações feitas pelos idosos do grupo de Teatro Ativo não foi algo que pudesse trazer preocupação, pois seus lapsos e erros são menos graves se comparados à importância de narrar uma passagem tão importante de suas vidas.

Foram realizadas reuniões e ensaios com o grupo Ativo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), as quais foram acompanhados e gravados pela pesquisadora do projeto. Foram elaborados, também, roteiros de aulas/ensaios a serem seguidos pelo grupo e questionários.

O grupo focal foi desenvolvido segundo as etapas descritas abaixo:

- a) Na **1ª Etapa** do trabalho: foi realizada uma exposição oral sobre os objetivos da pesquisa pela pesquisadora, aos idosos participantes do projeto. A partir daí:

- 1 - Os alunos descreveram um fato significativo de sua vida;

2 - Essas informações foram organizadas por etapas (de vida) tais como infância, adolescência, idade adulta, envelhecimento, levando-se em conta os pontos em comum e as divergências entre os vários relatos.

3 - A partir desse material, que serviu de base para o desenvolvimento de um espetáculo, organizamos o roteiro da peça;

- b) Na **2ª Etapa**: realizaram-se leituras com o grupo com ênfase na pontuação e em leitura interpretativa;
- c) Na **3ª Etapa**: foram realizados ensaios com texto;
- d) Na **4ª Etapa**: foram tomados depoimentos dos idosos, registrados em vídeo com as seguintes questões:
 - 1- A UATI oferece diferentes atividades que você pode optar, por que optou pelo Teatro?
 - 2- Qual a importância do Teatro na sua vida?
 - 3- Na sua contribuição para a construção da peça, o que o levou a optar por essa memória da sua vida?
 - 4- Como se sente no palco?
 - 5- Você acha que seria possível você emancipar-se no Teatro sem a presença de um professor? Acha que isso lhe daria autonomia?
- e) Na **5ª Etapa**: Apresentação da peça e validação dos resultados. Iniciou-se aqui a construção da análise, com discussões e avaliações, cujo resultado permitiu definições para a melhoria das práticas analisadas.

É importante destacar que esse é um processo construtivo e que os idosos participam de todo esse percurso.

As técnicas e os instrumentos de recolha de dados:

Revisão bibliográfica -> consistiu na leitura dos materiais já publicados, dentre eles, livros, artigos, periódicos e outros acervos disponíveis em bibliotecas e na internet, que tratem da temática do papel do teatro na terceira idade.

Análise Documental -> A análise documental consistiu no estudo dos documentos, leis que versem sobre a problemática do envelhecimento.

Pesquisa Participante -> Ao se trabalhar com investigação participante, automaticamente se está trabalhando com uma tomada de consciência tanto dos investigados como dos investigadores, afirma Chizzotti (2006).

Entrevista -> A entrevista aplicada foi do tipo semiestruturada. De acordo com Richardson (1989), a entrevista semiestruturada é uma técnica importante na recolha de dados, pois ela permite obter do entrevistado aspectos relevantes acerca do problema em estudo. “Conhecer a opinião do entrevistado, explorar suas atividades e emoções; obter informações do entrevistado, sobre o fato que ele conhece [...]” (p. 160). As entrevistas semiestruturadas foram dirigidas aos idosos (as), descritas na subsecção referente à população-alvo e utilizadas para avaliar a peça teatral e seu potencial.

CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Encontro

III. 1 As memórias

O que de fato é muito curioso é que em todas as histórias os idosos quiseram dar um caráter engraçado, cômico, criando um tom divertido e interessante para a sua história.

Outra questão interessante que vai ao encontro do analisado por Schwanz (2006) é a questão da escuta. Certamente, a necessidade da escuta é algo que impulsionou alguns idosos a procurarem atividades nas quais possam encontrar atenção e possam compartilhar suas vivências. Assim, seguramente, esses idosos, ao entrarem para um grupo de teatro, não tinham a intenção somente de representar em cima de um palco, mas a necessidade de serem ouvidos.

III. 2 A Peça

Podemos acreditar que as falas apresentadas na peça “O Encontro”, realizada pelo grupo Ativo da UATI – UEPG estavam permeadas de emoção. Obviamente, cada um tinha seu grau e modo de fazer transparecer isso. E ao selecionarem as histórias que gostariam de expor na peça, tiveram total liberdade.

Tendo em vista que um dos principais objetivos deste trabalho de projeto era resgatar e valorizar a autoestima dos idosos através da prática teatral apresentamos alguns depoimentos obtidos na entrevista de grupo focal realizada com o grupo Ativo em 3 de dezembro de 2013⁵.

⁵ Sem a presença do aluno Cacau, o qual não pôde estar presente

Sobre o teatro:

Teatro pra mim foi muito importante porque ele faz a gente perder a timidez. Então, a gente se solta e ali a gente tanto vai amadurecendo quanto vai se soltando. É uma coisa assim que acho que não tem fim, é inexplicável. Enquanto eu existir eu quero estar aqui. (DELI)

Pra mim o teatro, nossa, pra minha memória por causa de decorar e aprender, o que a gente não sabe vai e pergunta pra quem sabe. Pra minha memória foi ótimo. Desde que eu entrei aqui, o que eu não falei foi o teatro, porque pra mim foi muito bom. (MARIA TEREZA)

Quando perguntado aos alunos sobre a importância do teatro para eles, tivemos por unanimidade uma resposta positiva. Fica nítido que o teatro, para todos eles, é muito mais do que o ato de representar em si, é um espaço onde eles podem sentir os efeitos na melhoria na sua qualidade de vida. Fazer e repetir exercícios, onde a memória é necessária e sentir a liberdade de perguntar e querer entender o que se passa a sua volta é algo que faz muita diferença nesses idosos, pois neste espaço eles deixam os seus constrangimentos de lado.

Na construção desta peça, percebeu-se que o grupo optou por lembranças da sua vida que lhes foram significativas e que, nesse momento, gostariam de partilhar com todos. Assim, ao serem questionados sobre o que os levou a optar por esta memória para ser apresentada na peça, tivemos como resposta:

Então, através do teatro, deu pra mim reviver o passado, que foi um passado de criança e que eu realizei.[...] Então, o que eu contei no teatro, dessa parte que a gente apresentou, me realizou a lembrança do passado, foi muito bom. (IRENE)

Eu escolhi um pedaço bem lá atrás porque era diferente dos de agora, então aquele tempo que passou ninguém sabe, agora a época é outra. Então eu peguei um bem do passado, pra dar um exemplzinho assim para os de agora. (MARIA TEREZA)

Acreditamos que, embora as histórias apresentadas pelos idosos na peça sejam uma vivência real, não deixa de ser um exercício de memória. Afinal, ao se remeteram

ao passado, estão exercitando-a e, sobretudo, uma memória que eles mesmos fizeram questão de lembrar. Poder reviver o passado e ao mesmo tempo poder partilhar dele com tantas pessoas é algo que lhes dá uma imensa satisfação, pelo simples fato de poder trazer vida ao passado de cada um e contar isso de uma forma diferente.

Com as memórias escolhidas e indicadas para a peça, passamos a querer saber como esses atores se sentem no palco. E as manifestações foram reveladoras. *“Transformada! A gente se transforma.”; “Não é nem a gente, a gente tá fazendo outro papel, é uma coisa que a gente nem lembra da gente.”* Essas expressões dão conta de como o teatro é importante nessa fase da vida, pois é o momento em que as pessoas idosas conseguem viver e reviver outros momentos e sentem-se valorizadas por aquilo que fazem.

E isso também pode ser comprovado pelas falas abaixo:

Sabe, a gente se sente assim uma atriz sabe?! A gente parece que tá na tela da televisão de tão importante que a gente se sente. A gente esquece de ter timidez, perde tudo quando estamos no palco [...] IRENE”

Eu, a pessoa Deli, fica escondidinha lá atrás. Eu não sei nem quem que é que tá ali interpretando o que é necessário né. (...) A Deli fica lá, quem vem pra cá é só o espírito da Deli. “DELI”

Eu penso o seguinte, você perguntou como nos sentimos no palco, eu acho que no palco cada uma de nós esquece o que é e passa a invocar a própria personagem. E aí, como personagem, é como eu já disse, você esquece o que tá por volta de você [...]. Porque naquele momento você deixou de ser você pra ser o personagem. “NETINHA”

E em relação à autonomia, foi perguntado se achavam que seria possível avançarem no teatro sem a presença de um professor. E de maneira geral a resposta foi que não, sendo destaque a fala de NETINHA: *“Olha, sem o professor, sem um orientador, sem alguém para nos dirigir não vai em frente. [...]. É conversa pra lá, é conversa pra cá, e outra coisa, vira assim numa outra atitude que não tá de acordo.*

[...]. Cada um no seu individual, individualmente pode fazer, mas no conjunto ninguém faz porque cada um quer dar palpite na vida do outro. [...]."

A importância da autonomia na terceira idade é algo que já vem sendo discutido, como vimos no depoimento de Neuparth (2013), quando esta afirma ser importante criar uma autonomia que os idosos possam dar continuidade ao trabalho teatral. Entretanto, quando perguntamos isso aos idosos, por unanimidade a resposta foi negativa, de modo que como vimos, para eles a autonomia é aceita até determinado ponto.

Ficou evidente que a autonomia no teatro é vista como algo importante, porém sem a ajuda de um responsável que lhes dê uma direção, não vai em frente. Sobretudo quando falamos em terceira idade, em que costumes e hábitos falam muito alto quando se vai trabalhar em grupo, sendo necessária a presença de um responsável que os incentive e lhes dê foco.

Objetos de cena

Os objetos utilizados no cenário da peça foram, em grande parte, disponibilizados pela UEPG. A Universidade disponibilizou mesa, balcão, sofá e cadeiras. O restante dos objetos, como árvore de Natal, enfeites, toalhas e aperitivos, foram levados pelos alunos e professora. Desta forma, não tivemos gastos para a realização da peça.

III. 3 Avaliação

Tivemos algumas dificuldades com relação a estruturas e ao tempo. O espaço disponibilizado pela UATI para as aulas de teatro foram as salas de aula da UEPG e foi em uma delas que ensaiávamos. Entretanto, como se tratava de salas de aula, com carteiras, isso dificultou um pouco o espaço de que dispunhamos para realizar os exercícios e ensaios da peça.

O grande auditório que a UEPG dispõe no campus central da universidade não é acessível todos os dias para os ensaios, devido ao fato de que ele serve para os diversos eventos da universidade e até mesmo para eventos externos. Portanto, alguns ensaios foram realizados no grande auditório, mas muitos ficaram limitados à sala de aula.

Outro fator importante a destacar é que, quando se trabalha com a terceira idade, a noção de tempo altera-se, pelo fato de que são alunos, na maioria, com algumas limitações impostas pela idade e pelo nível de escolaridade.

Houve diversos ensaios em que os alunos faltaram, uns por compromissos de saúde e outros de família. Essa é uma questão um tanto delicada quando se trata de teatro, pois sabemos que quando um ator falta ao ensaio, perde muitas coisas e isso pode impedir o progresso da peça. E com a terceira idade isso é mais complicado, pois o processamento é mais lento, e pequenas alterações que sejam feitas na peça implicam ter que recomençar o processo.

Por outro lado, para a terceira idade torna-se necessário muito mais do que falar alto, é preciso saber falar. Falar de maneira que transmita aos ouvintes confiança, incentivo e compreensão. Esse grupo de teatro Ativo foi caracterizado pela força de vontade e comprometimento. Mesmo com dificuldades e limitações, o grupo de maneira geral manteve-se coeso em todos os momentos, mesmo quando alguns enfrentaram doenças, problemas afetivos, conflitos entre si e emocionais.

A insegurança foi algo que também esteve presente em alguns elementos até o último momento. Sabemos que ter um “frio na barriga” antes de entrar em cena é normal para um ator, mas neste caso foi um pouco, além disso. Minutos antes de apresentar a peça ao público, tivemos um ator que já não queria entrar em cena, pois estava triste por um problema conjugal, o que requereu a nossa “psicologia”. Nem sempre as formas tradicionais de convencimento bastam nessas horas. O idoso apresenta características que exige uma compreensão muito maior. É preciso que haja uma conversa na qual o idoso se sinta confiante e, ao mesmo tempo, com a obrigação de responder conforme se comprometeu, afinal ser idoso apenas não o livra dos compromissos ou lhe dá menor responsabilidade.

Os ensaios no palco do grande auditório foram dias que tivemos a sorte de não estar ocupado para outro evento. Nesses dias os idosos ficavam muito mais soltos e animados. Apesar das dificuldades que encontramos no caminho, o espírito de união e vontade que permeava a relação entre os idosos foi boa. Contamos com 11 alunos, os quais permaneceram até o fim. Neste trabalho, percebemos o quanto um espaço cênico pode servir como uma terapia ocupacional, dando a oportunidade de todos participarem e se envolverem com a criação do seu espaço.

As técnicas de memorização e encenação que são utilizadas no teatro, para esses idosos, são de suma importância para que seu processo mental continue evoluindo. E aqui, o espaço cênico em que eles puderam atuar foi uma ferramenta fundamental.

No contexto desse trabalho, a observação participante trouxe oportunidade de vivências com pessoas que têm em si uma característica muito envolvente: eles demonstraram sentir alegria em fazer parte desta atividade, sentem-se como sujeitos que trazem uma novidade, um momento de relaxamento, de reflexão aos espectadores, pois ao retratarem parte de suas histórias levaram a plateia do riso às lágrimas.

À medida que se foi desenvolvendo cada personagem, a maneira como cada um dos idosos dava vida novamente a esses momentos permitiu-nos aprimorar figurinos e o cenário, considerando a identidade de cada um.

A carência de recursos, como uma estrutura adequada de palco, iluminação, muitas vezes dificultou e atrasou o ritmo de trabalho. Por outro lado, não impediu que se tenha conseguido um bom resultado, ainda mais quando se trata de um elenco que é composto por idosos, que por si só já têm um processo mais lento de aprendizagem e adaptação. Então, neste caso, quanto mais se conhece o espaço e a sua estrutura, mesmo que precária mais fácil se tornou desempenhar a atividade.

Ao pensar que o corpo interage com o espaço e se movimenta nele, esse espaço acaba por ter que ser partilhado entre eles, dando a chance de serem explorados inúmeros aspectos, como a interação e espírito de grupo.

Os movimentos simples e atitudes realizadas por eles no dia a dia podem ser claramente vistos na peça. Esse é um bom exercício para uma autorreflexão e para que saibam se colocar no espaço cênico.

Desta forma, procuramos que esta atividade fosse também um instrumento no resgate da autoestima destes idosos, possibilitando formas de conhecimento e o entendimento de que o exercício de atuar pode ser um instrumento poderoso de ocupação e satisfação mental.

Da mesma maneira, procuramos que isso fosse também sentido por aqueles que estão do outro lado do palco, uma vez que o público faz parte do espetáculo e ocupa um lugar fundamental.

As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer, jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E é isso que faz a inteligência (ALVES, 2000, p.112).

Depois da apresentação da peça, tivemos um momento coletivo de avaliação do processo de encenação para verificar se os objetivos propostos neste Trabalho de Projeto foram atingidos.

- Em relação à autovalorização:

A gente se desliga de tudo, não só lá fora, às vezes até do lado da gente a gente acaba se desligando porque a gente dá gente o melhor e procurar fazer o melhor [...] (DELI)

Eu, tava morrendo de medo porque eu nunca falei pra públicos assim, nunca falei. Mas quando eu comecei falar, parece que incorporou não sei quem aqui. Nossa, ela me puxou pra baixo, porque eu tava subindo já, de tão feliz. Eu amei. (TEREZINHA)

- A importância do teatro:

[...] eu me esforcei bastante, porque eu nunca fiz personagem triste e hoje tava bem diferente do meu temperamento. Então, eu procurei encarnar mesmo o personagem, porque eu fiquei triste, chorava e não chorava. Enfim, foi uma coisa completamente diferente de tudo que eu já fiz em teatro, sou mais de comédia. [...] (NETINHA)

[...] Eu acho, é a minha opinião, não teve falha, não teve nada, como às vezes nos nossos ensaios né, que tinha que repetir três ou quatro vezes porque uma esquecia... Hoje foi maravilhoso [...] (VALDEREZ)

[...] Fiquei, nossa, contentíssima. Só que no finalzinho nós nos atrapalhamos um pouco, foi a única coisa que nós erramos. Eu achei né [...] (MARIA TEREZA)

[...] A gente tava com um pouco de medo né, a primeira apresentação com você e a gente queria fazer o melhor né por causa da sua tese. E nós todos procuramos fazer bem direitinho e eu acho que valeu muito a nossa apresentação, eu adorei [...] (IRENE)

- O idoso perante a plateia:

Até minha família veio ali ver nós e tudo, prestigiando nós, eu adorei; Eu fiquei feliz porque a minha mãe e a minha sobrinha chegaram bem na horinha da hora que eu fui me apresentar. Então foi tudo maravilhoso. [...] (SOLANGE)

- O idoso e as memórias:

[...] Eu me senti assim, lá nos tempos de 1900... e lá vai cacetada. Muito bom! E a gente arrumava aquela mesa enorme e tinha oito dez pessoas sentadas em volta [...] (CATARINA)

[...] Bom, eu me senti naquela época que eu brincava de dar aula, sabe? Parece que veio toda aquela época [...] (IRENE)

[...] eu naquela hora ali, fazia de conta que eu tava com os meus irmãos, até me deu vontade de falar o nome deles. Mas eu me senti naquela mesa, comendo mesmo [...] (ALMARINA)

Como vimos, no processo de envelhecimento o idoso precisa de uma série de instrumentos que lhe permitam uma alternativa mais positiva de envelhecer. De acordo com a opinião dos autores Ribeiro e Paul (2011, apud AFONSO, 2013):

Um envelhecimento “bem-sucedido”, “satisfatório” ou “activo” não depende exclusivamente de factores como a sorte ou património genético. Depende de cada um de nós, das acções e responsabilidades individuais. A saúde, mas também os padrões comportamentais e os afectos, as amizades e os contextos de vida, o tempo socioeconómico e histórico que experienciamos, tendem a confundir-se com os resultados dos percursos individuais, num balanço constante entre os factores da pessoa e do meio, mediados por significados e valores.(p. 30 e 31)

Assim, é possível que o meio em que esses idosos vivem, os ajude a viverem melhor. Embora cada um tenha vivências bastante diferentes, o espaço que partilham hoje na UATI faz uma significativa diferença na vida desses idosos.

Independentemente das diferenças de idade, as experiências de cada um permitiram que estes pudessem compreender as suas limitações particulares e de cada um do grupo. É possível que a busca pelo teatro acentue ainda mais essa questão, afinal o teatro nos traz de volta à vida e nos abre a novas possibilidades e um maior autoconhecimento.

CONCLUSÃO

Procurou-se conhecer as histórias de vida dos estudantes da terceira idade da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), para construir uma peça teatral e analisar o seu potencial para promover a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos.

Portanto, o objetivo geral foi analisar como o teatro pode potencializar uma melhor qualidade de vida e a autovalorização dos idosos através da utilização das suas vivências e memórias como uma base para um desdobramento em práticas teatrais.

Esse projeto resultou num amadurecimento daqueles que desejaram compreender a própria vida revelada através do teatro. E ao se perceberem como parte desse processo, o entrosamento e a dedicação ao projeto de construção da peça foram ficando cada vez maiores.

Schwanz (2006) refere que talvez devêssemos repensar a velhice de maneira a não a comparar tanto com a idade adulta ou a infância, ou seja, não pensar nela como o fim do túnel, onde já não há mais tempo para nada. E sim como mais uma etapa da vida, onde há vantagens e desvantagens tal acontece com as outras etapas. Encarar isso como um tempo que permite fazer tudo aquilo que não se pôde fazer antes, que se tinha vontade de fazer, mas que na velhice lhe permite tempo e novas experiências de vida.

Acreditamos que este grupo de teatro conseguiu muito mais do que o simples fato de representar, que os participantes neste grupo conseguiram representar-se a si mesmos numa outra perspectiva de vida, onde a idade, a vivência e a vontade de viver caminhavam juntos. Puderam repensar suas trajetórias de vida à medida que compartilhavam e se identificavam com o grupo.

Consideramos que este projeto proporcionou uma valorização do idoso, de maneira a se sentirem úteis à sociedade, um exercício de redescoberta e a criação de novas possibilidades.

E como podemos ver, esses idosos estão dispostos a aprender, a rever valores e estão procurando um novo modo de envelhecer.

Durante o processo de construção da peça de teatro foi necessário ter flexibilidade para lidar com questões inesperadas, pois para fazer teatro para idosos, é preciso estar preparado para lidar com diversas situações.

Segundo Afonso (2013), a necessidade de uma sensibilização e compreensão da população em geral para com a terceira idade faz com que o teatro tenha, sem dúvida, um papel privilegiado hoje. Pois cada vez mais se tem visto resultados positivos no que diz respeito à memória dos idosos, dando-lhes utilidade, criatividade e cooperação dentro do grupo, o que gera a melhoria na sua autoestima.

Ainda para a autora, "[...] fazer teatro é mais importante do que ver teatro, ou seja, todo o processo que está na criação do espetáculo é mais essencial do que o espetáculo em si". (2013, p.25).

Para Rancière, embora não exista teatro sem espectadores, a condição de espectador é algo negativo. Pois ser um espectador é o mesmo que olhar para um espetáculo e olhar apenas é limitado, por dois motivos. Primeiro porque olhar é o oposto de conhecer, significa estar diante de algo aparente sem conhecer as condições que o produziram ou a realidade que está por trás dela. E segundo porque olhar é considerado o oposto de agir, aquele que olha para o espetáculo permanece imóvel na cadeira, sem qualquer poder de intervenção. Então, ser um espectador significa ser passivo.

Contudo, entende-se também que talvez assim como o espectador, o ator vive uma experiência única.

Talvez isso aconteça, no teatro, pela importância que cada indivíduo dá ao seu personagem, o preparo para representar algo é uma experiência única. E quando falamos aqui das “bibliotecas de memória”, guardadas nas gavetas da mente de cada pessoa, sobretudo nos idosos, estas ganham um peso ainda maior. E é a partir dessas gavetas que adquirimos vivências, experiências e conhecimentos. São gavetas que não podem ficar fechadas e desaparecer com quem as possui.

Julgamos essencial partilhar desse conhecimento individual dos idosos com outras gerações, para que estas obtenham a diversidade e a sabedoria que cada um guarda nas suas memórias.

As experiências servem para que consigamos extrair delas o melhor que a vida tem e quando são boas, fazer por repeti-las. (Ribeiro, 2014 pg 10)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carmem Maria e D'Alencar Raimunda. *A Educação (Re)visitada: A Velhice na Sala de Aula*. Ed. UESC, Bahia, 2012.

AFONSO, Mariana Alves. Relatório de Estágio apresentado à Instituto Politécnico da Guarda. <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/1365/1/Mariana%20Afonso%205006578.pdf> Acesso em: 07/03/2014.

ALBUQUERQUE, Sandra Marcia Ribeiro Lins De. *Qualidade de vida do Idoso: a assistência domiciliar faz a diferença?* Ed. Casa do Psicólogo: Cedecis, Brasil, 2003.

BELFIORE, Eleonora; BENNETT, Oliver. *The Social Impacto of the Arts*. Palgrave Macmillan. December, 2010.

BIDEGAIN, Marcela. *Teatro comunitário – resistencia y transformación social*. Buenos Aires: Atuel, 2007.

_____. Teatro Comunitario argentino: Teatro habilitador y re-habilitador del ser social. Recorrido Cartográfico por las Temáticas de los espectáculos. http://parnaseo.uv.es/Ars/stichomythia/stichomythia11-12/pdf/estudio_8.pdf . Acesso em 22/04/2014.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CACCIAGLIA, Mario. *Pequena História do Teatro no Brasil (quatro séculos de teatro no Brasil)*. São Paulo, Edusp, 1986.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estud. av.* [online]. 1991, v.5, n.11, p. 173-191.

_____. *A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

COUTINHO, Vanessa. *Arteterapia com idosos: ensaios e relatos*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

DOLL, Johannes. Educação, Cultura e Lazer: perspectivas da velhice bem – sucedida. in *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*. Ed. Fundação Perseu Abramo e Sesc. São Paulo, 2007.

DUARTE, Joana. *Meus queridos idosos*. São Paulo: Ed. Belloto, 2011.

ESTEVEENS, Ana; AGOSTINHO, Margarida; NEUPARTH, Sofia. *Pedras 12 – Pessoas e Lugares*. Lisboa: Ed. C.E.M- Centro em Movimento, 2013.

FARIA, Fernando Mesquita de. *O máximo com o mínimo: a cena minimalista de Samuel Beckett*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC CENTRO, XII., Centros – Ética, Estética. Curitiba, 2011.

FERREIRA, Diego. In: Teatro Brasileiro: Origens/Teatro dos Jesuítas – Século XVI. Disponível em: <http://escapeteatro.blogspot.com.br/2011/02/teatro-brasileiro-origensteatro-dos.html> 2011.

FRUTUOSO, 1996.

GALEGO, Carla; GOMES, Alberto A. Emancipação, Ruptura e Inovação: o “Focus Group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, número 5. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p. 173 – 184, 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília-DF: Líber livro, 2005.

GIL, A. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 5.ed. São Paulo: Atlas. 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HERMÓGENES, José. *Saúde na Terceira Idade*. S/L Ed. Diversos, 2005.

LACY, Suzanne. *Leaving Art: Writings on Performance, politics, and Publics: 1974-2007*. London: Duke University Press, 2010.

LIMA FILHO, João Batista; SARMIENTO, Sophia Maria Guimarães. *Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos idosos na família e na comunidade*. Ed. Loyola, Brasil, 2004.

MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. *Origem do teatro: Teatro I*. Rio de Janeiro: MEC, FENAME, BLOCH, 1980.

MANZI, Silvia; FRAZÃO, Yasmim. *Saúde e Rejuvenescimento: Você saudável pôr dentro e pôr fora*. S/L Ed. Pulso, 2011.

MALAGUTTI, William; BERGO, Ana Maria Amato. *Abordagem Interdisciplinar do Idoso*. Rio de Janeiro: Ed. Rubio - RJ, 2010.

MARINO, E. *Manual de avaliação de projetos sociais*. São Paulo, SP: Instituto Senna, 2003.

MELO, Maria Lúcia Macedo. *Unidade e divisão no espaço da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 6.ed. São Paulo, Hucitec; Rio de Janeiro, Abrasco, 1999.

NEUPARTH, Sofia. *Trabalho com idosos no C.E.M.* Lisboa, 8/08/2013. Entrevista concedida à Graciele de Moraes Barros.

OKUMA, Silene Sumire. São Paulo, SP: Papirus, 1998.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *“Memória e sociedade”: ciência poética e referência de humanismo*. *Psicologia USP versão On-line*, v.19 n.1, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; OLIVEIRA, Flávia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa. *Universidade Aberta para a Terceira Idade: A extensão como meio de inserção do idoso no contexto universitário*. UEPG/UATI, 2012.

PAULA, Cininha de. Texto mimeo, 2011.

PEREIRA, Denise. *Os festejos de Sant’Ana: reafirmação de fé religiosa para Ponta Grossa” (1930-1965)*. Monografia (Curso de Pós-Graduação em História, Arte e Cultura)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

PINTO, João Rodrigues. *O teatro popular comunitário e o diálogo com a realidade*. <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia/JoaorodriguesPintoTEATROPOPULARCOMUNITARIOEODIALOGOCOMAREALIDADE.pdf> Acesso em: 14/04/2014.

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador emancipado*. Tradução: Daniele Avila em <http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/> Acesso em 13/04/2014.

RIBEIRO, Maria Tereza Peral. Lar de idosos: Uma fábrica de experiências: “o Teatro, à Ciberanimação e à animação pela Espiritualidade”, *quadernsanimacio.net*, n.19, 2014. Disponível em: <http://quadernsanimacio.net/pdfs/Idosos.pdf> Acesso em: 07/03/2014.

RIBEIRO, Oscar. *Manual de envelhecimento activo*. Lisboa: Lidel, 2011.

RICHARDSON, R.J. *Pesquisa social, métodos e técnicas*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, Cloves Domingos dos. *A Terceira Idade da vida, a terceira margem do rio, o terceiro olhar da arte: des(re) construindo imagens através dos jogos do teatro do oprimido*. Universidade Federal de Ouro Preto, s/d.

SEVERINO, Antonio. *Educação, Ideologia e Contra Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. *O risco do bordado – educação na terceira idade: trajetórias de vida de senhoras*. 2006. Disponível em:
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/1325/1108>
Acesso em: 19/02/2014.


<http://portal.uepg.br/institucional/universidade/historico.php> Acesso em 24/02/2014.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar: in Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1978.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. *A Velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado*. In *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*. Ed.Fundação Perseu Abramo e Sesc. São Paulo, 2007.

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES



The screenshot shows the homepage of the Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). The header includes the UEPG logo and navigation links: Sites UEPG, Telefones, Endereços, Fale conosco, Transparência, and Fale com o Reitor. The date is Saturday, April 26, 2014. The main content area features a news article titled "Teatro encerra atividades da UATI em 2013" by Mari Cleia Aparecida de Andrade. The article describes the closure of the UATI (University Open to the Third Age) theater activities for 2013, highlighting the performance of the play "O Encontro" and the participation of students and faculty. The article is dated 10/12/2013 - 11h17 and was updated on 10/12/2013 - 14h54. The article includes social media sharing buttons for Facebook, Twitter, and Google+. The left sidebar contains a menu with categories: Sistemas, Institucional, and Ensino. The right sidebar shows "Últimas Notícias" (Latest News) with a list of recent articles.

<http://portal.uepg.br/noticias.php?id=5278>









Grupo de Teatro Ativo – UATI/UEPG

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA REALIZADA COM O GRUPO ATIVO DA UATI EM 03 DE DEZEMBRO DE 2013, SEM A PRESENÇA DO ALUNO CACAU, O QUAL NÃO PÔDE ESTAR PRESENTE

- A UATI oferece diferentes atividades que podem optar, por que optaram pelo Teatro?

CATARINA: *Eu gosto de teatro, muito.*

ALMARINA: *Eu também gosto.*

MARIA TEREZA: *Eu também, toda vida eu, desde criança já, eu adorava quando eu ia assistir alguma coisa eu já pensava, ai como eu queria ser isso. Porque toda a vida gostei de teatro.*

NETINHA: *Eu acho que o teatro é o momento em que podemos desenvolver o nosso talento, conhecer novas amizades; é um momento que quando você está no teatro você esquece do mundo lá fora, porque teatro é uma maravilha.*

VALDEREZ: *Isto é verdade, o teatro nos transporta para um outro lugar parece, eu me sinto tão bem aqui, fazendo o teatro né, com as minhas amigas. Então este é o meu motivo de estar aqui.*

CLOTILDE: *Eu gosto porque a gente se sente bem e porque é uma coisa que a gente vai crescendo cada vez mais; e vai indo, na medida do possível a gente vai aprendendo cada vez mais. E é muito bom.*

ALMARINA: *Eu não esperava que ia ter um pouco de jeito pra isso, eu adoro. Gosto demais.*

DELI: *Teatro pra mim, ele foi muito importante porque ele faz a gente perder a timidez, né. Então, a gente se solta e ali a gente tanto vai amadurecendo quanto vai se soltando. E vai, é uma coisa assim que acho que não tem fim, é inexplicável. Enquanto eu existir eu quero estar aqui.*

IRENE: *Agora eu acho que o teatro pra mim foi muito bom porque além de você fazer amizade com essa turma aqui que eu adoro elas; e a professora também dá muita oportunidade pra gente, a crescer no teatro. E assim, o que eu represento no teatro as pessoas gostam muito, todos os papel que eu fiz até hoje, sempre eles gostam. Então eu acho que eu tenho que tá sempre fazendo o melhor e eu to gostando demais e cada vez que eu fizer vai ser melhor tanto pra mim quanto pras minhas amigas que estão aqui. A gente sempre tá junto, a gente gosta uma da outra e se dá muito bem. Então o teatro pra mim é muito bom, adoro o teatro.*

VALDEREZ: *E é um ambiente de uma amizade assim né, que vai cada vez mais se aprofundando. Eu também adoro isso aqui professora, e você também.*

SOLANGE: *Bom, a minha vida já é um teatro. Então, eu fui convidada pela minha amiga Valdez pra vim participar, mas e eu gosto muito também. E também eu quero até escrever um livro sobre a minha vida e acredito que vais ser muito bom, vai ter muita coisa alegre, muita coisa triste, muita piada.*

TEREZINHA: *Bom, eu entrei por causa do convite de uma amiga vizinha minha. Eu nunca tinha pensado em entrar, mas sempre adorei teatro e quando peguei o papel e vi que tinha teatro, falei é esse mesmo que vou entrar e to amando. Porque aqui ó, somos uma família, são tudo minhas irmãs, eu to amando fazer teatro.*

- Qual a importância do Teatro na vida de vocês?

CATARINA: *Bom, ninguém vai falar primeiro? Vai eu né. A importância do teatro na minha vida, elas já falaram quase que tudo né, na primeira conversa, mas pra mim tem uma importância, já falei no início. Dia de teatro é muito bom. Gosto muito de vim ver as amigas, que é uma família pra mim. Desde que eu entrei na universidade aberta à terceira idade, que é a UATI, hoje a UTC, que é a universidade continuada a terceira idade, então é muito bom. Eu já tá pra cinco anos né, eu a minha cunhada, enfim quase todas aqui né, no teatro e amo essa coisa aqui sabe, é muito bom com nossas amigas. Nós temo aqui a Netinha que é nosso carro-chefe aqui né, depois da professora né (risos). Então eu gosto demais, a minha família, como disseram aqui, as minhas irmãs... de coração.*

SOLANGE: *Eu acho que o teatro mostra a vida como ela é... né?!*

CLOTILDE: *A gente se realiza quando a gente faz alguma coisa assim, principalmente quando tudo corre bem é uma maravilha. A gente sai saltitando do palco, é muito bom, é uma maravilha, é ótimo.*

VALDEREZ: *É verdade isso, é uma realização pra gente. Ficamos contentes quando tudo corre bem e as vezes quando tem alguma falha também, porque a gente tolera né, então a gente gosta. Se a professora manda a gente repetir a gente repete, isso vem assim do fundo do coração, é feito com amor.*

ALMARINA: *Imagine eu, perguntam: aonde é que vai já pra rua, vai passear? Não, vou pra aula de teatro, fico toda faceira.*

NETINHA: *Falando sobre a importância do teatro, eu quero agradecer à Catarina que disse que eu sou o carro-chefe (risos). A única coisa que eu tenho, talvez pela minha avançada idade, que daqui quatro anos vou fazer 90 (risos), que eu tenho mais experiência tanto de teatro, como da escola da vida. Então, o que que eu posso fazer? É importante para mim se eu puder ajudar alguém, alguma coisa que sem vaidade nenhuma, eu saiba um pouquinho mais, eu transmito pra que todos nós possamos melhorar juntas, esse que é o importante. E tudo que eu faço, eu faço com amor, quando corre tudo bem, tá maravilhoso, mas quando não corre tudo bem, é o motivo pra que haja compreensão de quem falhou, é pra que haja solidariedade. Então eu acho assim que tem que haver um amor, mesmo aquela que não se saiu bem, que receba um elogio sincero. Logicamente que você tem que alertá-la e mostrar onde foi a falha, mas com dedicação e com amor, não com crítica destrutiva. Se vai criticar, que a crítica seja construtiva, pra aquela pessoa melhorar.*

Mas o mais importante do teatro é o camarim, antes de começar a gente já tá se maquiando, depois que terminou a peça a gente tá lá trocando de roupa e tirando a maquiagem e se abraçando, beijando e chorando. Então aí é que tá a importância do teatro.

MARIA TEREZA: *Pra mim também o teatro, nossa, pra minha memória por causa de decorar e aprender, o que a gente não sabe vai e pergunta pra quem sabe. Pra minha memória foi ótimo. Desde que eu entrei aqui, o que eu não falei foi o teatro, porque pra mim foi muito bom.*

- Ao construir essa peça, o que os levou a optar por essa memória da sua vida?

NETINHA: *Segundo a Catarina, eu sou o carro-chefe, então eu vou primeiramente cumprimentar a nossa professora e percebo o entusiasmo dela porque ela tá terminando um mestrado. E o nosso objetivo era colaborar para que tudo corra bem pra ela. Então a ideia que ela nos apresentou é que cada uma de nós escolhesse um trequinho da nossa vida, porque bom, não poderia cada um contar a sua história inteira que não havia tempo. Então cada um escolheu uma historinha bem clara, bem leve, que marcou a sua vida, coisas assim até mais corriqueiras, pudemos dizer que não houve nenhum sofrimento, a turma toda passou bons pedaços da vida pra trazer pra*

você. Então, isso foi assim, muito importante poder dar um pouco da nossa vida pra ajudar no mestrado da Graci.

MARIA TEREZA: *Eu escolhi um pedaço bem lá atrás porque era diferente dos de agora né, então aquele tempo que passou ninguém sabe, agora a época é outra. Então eu peguei um bem do passado pra dar um exemplinho assim para os de agora.*

DELI: *Foi a mesma coisa que eu pensei. Pensei assim, todos nós temos nosso pedacinho lá no passadinho, lá atrás que alguma coisa, como disse a Netinha, marca né. E a minha o que marcou foi meu casamento, que eu vim de uma cidade e fui pra outra e de repente me encontrei, casei e graças a Deus tô aqui casada. Portanto, esse pedacinho da minha vida tá se tornando um pedaço, porque eu tô muito feliz e hoje é dia três e daqui a cinco dias eu estou completando 40 anos de casada. Então, o que que pra mim tá me ajudando, eu fico pensando, nossa mas eu não esqueci daquele início, eu não esqueci das coisas maravilhosas que aconteceu, porque não foi nada de ruim. Foi maravilhoso porque eu continuo com o meu bem até hoje.*

IRENE: *Então, eu através do teatro né, deu pra mim reviver o passado, que foi um passado de criança e que eu realizei né. Então, a história que eu contei foi muito bom pro teatro, que a gente tinha que contar uma história do passado que a gente passou e gostei muito de contar a minha vontade de ser professora na época. Então, o que eu contei no teatro, dessa parte que a gente apresentou, me realizou a lembrança do passado, foi muito bom.*

VALDEREZ: *Sabe Professora, entre outras lembranças que tinha, mas sempre essa lembrança do meu nascimento, do meu nome, a minha mãe falava; porque a minha mãe era uma pessoa que lia romances né, e daí ela leu esse romance quando tava me esperando e escolheu o meu nome. E esse nome todo mundo aprovou. Isso que ficou assim marcado, eles me contavam assim que quando fui crescendo eles me chamavam de Valdinha e que teu nome foi escolhido pela tua mãe e pelo teu pai, mas todos nós adoramos esse nome. E naquela época... agora já existe mais Valderes, mas naquela época não, era raro. Então, isso aí foi uma das fases da minha vida que eles me contavam que me marcou bastante... então é isso, a escolha do meu nome.*

CLOTILDE: *Eu, por coincidência, a minha história bateu com a nossa peça que vem a ser, falar sobre natal e eu revivi, sem querer, sem pensar, um momento da minha vida que eu queria ter a minha casa própria e bateu bem certinho com a nossa peça e lembrei que passei o natal na minha casa nova, foi muito bom.*

TEREZINHA: *E eu lembrei das minhas bonecas, porque acho que depois que eu entrei no teatro e você deu essa ideia de voltar lá ao passado pra contar alguma coisa, eu acho que to meio que criança de novo agora. Então, eu lembrei das minhas bonecas e a gente vira criança de novo aqui.*

CATARINA: Bem, eu... assim, quando ela falou pra contar uma história da vida né, uma história real, o que que eu lembrei? Lá da minha infância, que nós éramos em bastante irmãs e aquilo me veio na cabeça. Um história assim bem hilária e tal, que eu nunca esqueci e nunca vou esquecer. E o teatro pra mim é muito bom.

SOLANGE: Agora eu, gostaria de poder contar todos os meus escândalos, mas infelizmente só deu pra contar um mesmo. Vocês iriam rir muito.

ALMARINA: Pois eu fui lembrar justamente de uma coisa bem engraçada, que eu na verdade não gosto muito de falar. Mas é boa e lá em casa tinha briga com os irmãos e é o que acontecia e a minha mãe batia na gente. E daí tinha tantas outras coisas e eu fui lembrar justo dessa.

- Como se sentem no palco?

IRENE: Transformada! A gente se transforma.

CATARINA: Eu não tenho nem palavras pra falar direito.

MARIA TEREZA: Não é nem a gente, a gente tá fazendo outro papel, é uma coisa que a gente nem lembra da gente.

CATARINA: Eu fico com uma viseira assim que eu vejo lá só. Eu esqueço de mim. E eu tenho certeza que a minha amiga e todas é a mesma coisa.

ALMARINA: Eu me sinto assim como a Netinha falou né, que a gente vai lá, se arruma, depois troca e tal. Olha, quando eu venho ali (olha para o palco), eu também não acredito e dá uma vontade de olhá quem tá e quem num tá e não se enxerga nada, a gente tá ali só. E é uma coisa que parece que nunca ia acontecer na vida da gente.

IRENE: Sabe, a gente se sente assim uma atriz sabe?! A gente parece que tá na tela da televisão de tão importante que a gente se sente. A gente esqueceu de ter timidez, perde tudo quando tamo no palco, parece que a gente é...

VALDEREZ: Você sabe que a Irene... eu já percebi isso, verdade. Ela quando entra assim, ela se transforma e eu adoro ela nos papéis dela.

DELI: Eu, a pessoa Deli, fica escondidinha lá atrás. Eu não sei nem quem que é que tá ali interpretando o que é necessário né. Então às vezes eu penso, nossa será que vai

sair tudo bem? Será que vai dar tudo certo? E de repente com a graça de Deus e das amigas, fica maravilhoso. A Deli fica lá, quem vem pra cá é só o espírito da Deli.

CLODILTE: *É verdade, o palco assim pra gente, pra mim e pras amigas, se torna uma coisa que já faz parte da vida, que a gente chega ali e a gente já domina o palco e a gente faz o máximo. Já faz parte de nós, é muito gostoso, é muito bom.*

VALDEREZ: *Às vezes não sai bem como a professora gostaria ou como nós gostaríamos, mas na maioria das vezes é muito bom mesmo.*

NETINHA: *Eu penso o seguinte, você perguntou como nos sentimos no palco, eu acho que no palco cada uma de nós esquece o que é e passa a invocar a própria personagem. E aí, como personagem, é como eu já disse, você esquece o que tá por volta de você, você esquece que tem alguém te assistindo, por quê? Porque naquele momento você deixou de ser você pra ser o personagem. E o palco, como a Clô já disse, parece que a gente tá dentro de casa porque o diálogo, a expressão corporal, a ajuda de uma pra outra... Isso é muito bacana.*

CLOTILDE: *Outra coisa que é prazerosa é que quem nos assiste depois bate palma e depois diz: “nossa que bonito, meus parabéns.” A gente fica no céu, nossa que bom que gostou. A gente fica no auge, é muito bom.*

MARIA TEREZA: *Chegam e dizem assim pra gente: “parabéns, você foi bem”. Nossa, a gente sobe lá em cima, de tanto prazer que a gente sente. E a gente quer fazer mais e mais e cada vez melhor.*

- Vocês acham que seria possível vocês avançarem no Teatro sem a presença de um professor? Acham que isso lhes daria autonomia?

TODAS: *Não!*

VALDEREZ: *Não, sem professor de maneira nenhuma.*

DELIA: *Não, não tem iniciativa daí.*

CATARINA: *Não, sem professora não. Sem o carro-chefe, não vai.*

DELI: *Sem a professora não existe respeito.*

NETINHA: *Olha, sem o professor, sem um orientador, sem alguém para nos dirigir não vai em frente. Vou te dar um exemplo: se por um motivo qualquer o professor não puder vir naquele dia, ele fala pra secretária: "peça pra fulana me substituir". Então, a que vai substituir não rende nada. É conversa pra lá, é conversa pra cá, e outra coisa, vira assim numa outra atitude que não tá de acordo. Então, "ah eu vou embora porque o professor não veio, ah eu não fico, ah eu não sei." É um exemplo, da falta do professor e só um dia que ele não pode vir. Imagine você, nós temos que apresentar uma peça e uma semana o professor não vem, fica tudo por nossa conta... "ah vocês são adultas, vocês fazem." Cada um no seu individual, individualmente pode fazer, mas no conjunto ninguém faz porque cada um quer dar palpite na vida do outro. Pronto, então você faz muita falta, por isso... permaneça.*

CATARINA: *Você não pode faltar!*

APÊNDICE B - PEÇA DE TEATRO: O ENCONTRO

LEGENDA:

DIREÇÃO

NARRADOR

PERSONAGENS

COMEÇA COM A MÚSICA SILENT NIGHT

É dia de Natal e NETINHA está em sua cadeira de balanço, na sua casa na rua da esperança. Sem saber o que fará neste dia, NETINHA fica a pensar na sua vida, em quantos natais ela já teve e não sabe quantos mais terá. Então, ela pega um álbum de fotografias e nele estão muitas das suas lembranças, com sua família, do grande amor que teve e dos amigos.

NETINHA começa a olhar as fotografias, passa folha por folha e quando se dá conta, tem uma lágrima escorrendo no seu rosto.

É a saudade de quem já partiu e vontade de estar com quem está longe. De que cada Natal que passou com quem amava, de cada peito de peru que serviu à mesa, de cada sobremesa que fez, de cada discurso que fazia para sua família, de cada sorriso e abraço que trocava, de cada amanhecer. E sabia que naquele dia era o aniversário do menino Jesus.

E assim, ela passa a emergir em todas essas lembranças. De repente, tocam à sua porta e a NETINHA dá um pulo na cadeira!

Batem na porta:

- **NETINHA:** Ai, credo, que susto!

Ela levanta e vai caminhando em direção à porta. Ao abrir, leva outro susto:

- **TODOS:** Surpresa!!

- **NETINHA:** Entrem!

- **ALMARINA:** Não pensou que iria passar essa data sozinha, né?

- **NETINHA:** Meu Deus, que coisa boa.

TOCA MUSICA JUNGLE BELLS

E todos entraram, cada um com seu doce ou salgado que haviam trazido para comerem juntos. E já em seguida foram ajudar a NETINHA a colocar a mesa, todos falando alto e contentes por poderem estar juntos.

Cada um foi dizendo o que trouxe:

- **GAÚCHA:** Bom, eu trouxe um panetone, recheado de frutas.

- **M. TEREZA:** Eu trouxe torta de frango.

- **SOLANGE:** O meu é delicioso demais, é um rocambole de doce de leite, que eu mesma fiz!

- **CATARINA:** Eu trouxe empadão de camarão.

- **CLOTILDE:** O meu também não podia faltar, não é?! Um pudim delicioso!

- **CACAU:** Eu quis trazer um vinho do Porto!

- **IRENE:** Eu fiz uma geléia... maravilhosa!!

- **DELI:** E eu trouxe um bolo que HUMMMM!

- **VALDEREZ:** Viu NETINHA, viemos com tudo!! E o refrigerante está aqui, olha!

NETINHA ficou uns segundos olhando para eles, não sabia o que falar, estava muito feliz e agradecida pela atitude dos amigos. Engoliu a saliva e conseguiu falar:

- **NETINHA:** Puxa vida pessoal, vocês me deixam sem jeito. Trouxeram tantas coisas e eu nem fiz nada para dar a vocês.

E ALMARINA diz:

- **ALMARINA:** Ora NETINHA, deixe disso, se viemos aqui é porque queremos muito bem você!

E apesar de as coisas correrem bem, todos percebiam o espírito triste que estava a NETINHA e entre eles mesmos. não são todos que ficam felizes com o Natal. O sentimento de solidão, de abandono e saudade estava muito grande no coração deles. Todos comeram, beberam e conversaram sobre muitas coisas, sobre a novela que acompanhavam, sobre receitas de bolos e tortas, sobre a vizinha que caiu da escada e o escândalo que foi não ter ninguém para cuidar dela. De momentos que viveram, das pessoas que perderam...

E assim, a conversa foi tomando um rumo que acabou chegando nas suas visões de mundo hoje, no que esperam ainda da vida e em como se sentem em relação à sua idade.

- **NETINHA:** Como é bom vocês estarem aqui, é o momento (FALA IMPROVISADA POR ELA)

Até que a CATARINA perguntou a todos:

- **CATARINA:** É, mais um Natal! Como se sentem nessa data? Pra mim essa data traz muitas recordações, nós éramos em seis irmãos, eu sou a mais velha da turma, já

estava com 14 anos. Eu tinha que cuidar de todos, a mãe trabalhava e não tinha tempo para nós e assim fazíamos do jeito que dava.

Passaram alguns anos e veio a Sonia Mara. Um dia a mãe mandou que eu arrumasse a cama, era muito cedo e a Sonia estava no meio da cama em cima de um acolchoado de pena, e eu não vi a menina. Peguei o acolchoado e fiquei em cima da cadeira e o nenê chorou, pois tinha uns 10 dias.

Mas para minha felicidade não aconteceu nada de mal para nós, porque tenho um anjo da guarda muito bom que me cuida até hoje. Sempre que dá certo nos juntamos e aí matamos a saudade de todas com as fotos. Fotos é a melhor lembrança! O triste é que a Terezinha, a Jacira e a Maria de Lourdes não estão mais aqui, ficou somente a saudade, as lembranças da nossa infância.

- **GAÚCHA:** Eu nasci em uma família de 12 irmãos e morávamos num sítio pequeno. Não passamos fome, mas não tínhamos dinheiro pra nada, estudei pouco, nós não tínhamos brinquedos, fazíamos bonecas de pano e pedaços de pau. Quando eu tinha 7 anos, num dia de Natal, eu e minhas irmãs ganhamos uma boneca cada uma. Foi o dia mais feliz da minha vida! A boneca fechava os olhinhos e abria, a felicidade era tanta que não largava a boneca, dormia com ela!

Mas eu cresci, casei com 17 anos, não levei a boneca porque fiquei com vergonha! Mas eu sempre tive vontade de ter bonecas, ficava encantada nas vitrines. No ano que completei 40 anos, no Natal ganhei duas bonecas do meu filho caçula e do meu marido, um sem saber do outro. Tadinho do meu filho, com o primeiro salário dele comprou uma boneca para me dar de presente!

- **CLOTILDE:** Quem nunca sonhou com a casa própria? E no Natal então? Eu me lembro que quando casei, eu fui morar em casa de aluguel. Eu tinha o sonho e ter a minha casa própria e justo nesse ano, foram terminados os núcleos Sta. Maria, Sta. Paula, Sta. Terezinha e Rio Verde. Meu marido fez a inscrição para ser sorteado sem saber para

qual núcleo seria. Os amigos do meu marido conseguiram as casas no Rio Verde, então queríamos muito ir para lá também, mas fomos sorteados para o Sta. Maria. Aí, meu marido desistiu, ficando muito triste.

Mas era mesmo para termos nossa casa no Rio Verde, pois uns amigos souberam de um casal que estava há uma semana numa casa lá e não se acostumaram e anunciaram que queriam vender; nós ficamos sabendo e fizemos negócio com a casa.

É casa onde moro até hoje, exatamente 32 anos atrás!

- **SOLANGE:** Que saudade da minha infância, uma vez eu e minha mãe estávamos vindo de Curitiba cheias de bolsas. Em certo momento, ao entrar no ônibus derrubei a minha bolsa de pano. Minha mãe sentou em um banco longe de mim e eu sentei em frente a um rapaz que estava com a minha bolsa. Então, resolvi procurar e levantei para perguntar se a mãe estava com a minha bolsa. O rapaz notou, e na maior cara de pau, levantou-se e puxou a campainha para descer. Eu, escandalosa como sempre, gritei para o motorista: “ele tá com a minha bolsa!”, e saí correndo e gritando atrás dele. Aí, o rapaz resolveu jogar a bolsa devido ao escândalo. Foi tudo muito rápido, mas deu tempo de ele passar a navalha no meu dedo, deu dois pontos!

Fui pra casa sangrando, tomei banho e coloquei a minha fantasia de carnaval porque ia para o baile municipal. Imagine se eu ia estragar a minha noite!!

- **TODOS:** risos

- **CATARINA:** E você Valderez, conta uma lembrança.

- **VALDEREZ:** Eu me lembro de tantas coisas boas da minha vida e da história do meu nome! Eu nasci no dia 30 de setembro de 1935 em um lar muito feliz. Meus pais chamavam-se Thereza e Luiz e me desejavam muito, como exemplo minha mãe tinha o hábito de ler muito e em um desses romances ela se encantou pelo nome de uma personagem que se chamava Valderez, e foi assim que meus pais colocaram este nome.

Sempre fui muito amada e por este motivo me tornei uma pessoa muito feliz!!

- **IRENE:** Eu morava na Califórnia! Califórnia do interior aqui do Paraná!(risos). Quanto eu era menina eu gostava muito de brincar de escola e que eu era a professora. Nos fundos da minha casa tinha dois pés de abacate e ali eu gostava de brincar. Não tinha ninguém, mas eu encenava, fazia de conta que tinha alunos e uma mesinha, onde eu “batia” e mandava que ficassem quietos e prestassem atenção. Gritava mesmo!

Um dia minha mãe disse: “Olha, você fica falando sozinha, logo aparece alguém e responde”. Nunca mais brinquei lá debaixo do pé de abacate.

- **IRENE:** E você Almarina?

- **ALMARINA:** Lá em casa nós éramos em 8 irmãos e nós, como crianças, às vezes brigávamos. Um dia nós brigamos por causa do ovo cozido e minha mãe como era muito brava conosco, cozinhou bastante ovos e fez nós todos comermos até não aguentar mais, junto de uma vara de marmelo na mão!

- **DELI:** Eu saí aos 16 anos da cidade de Tibagi e vim para Ponta Grossa à procura de emprego. Com muita sorte, ao chegar na pastelaria Chang para fazer um lanche, perguntei ao responsável da pastelaria: Tem serviço pra mim aí, amiga?

Essa minha amiga que trabalhava lá chamava-se Cinda e, sem me responder na hora, aquele assunto ficou no ar. Mas para minha alegria, três dias depois fui chamada para trabalhar. Arrumei minha mala e vim para Ponta Grossa, mas como não tinha lugar pra morar, acabei indo morar com ela.

Neste mesmo local, acabei conhecendo um rapaz que todo dia de manhã chegava tomar um cafezinho e, pela tarde, tomava uma loira gelada (cerveja). Ele sempre de camisa amarela e calças vestas, que hoje é conhecida como calça jeans e um guarda-chuva pendurado no bolso.

Sabe, tinha uma amiga que trabalhava conosco e era apaixonada por ele, mas quem acabou casando com ele fui eu!!

- **TODOS:** Ah! Que amor!

- **M. TEREZA:** Ah! Que saudade daquele tempo!

Eu cheguei em uma das melhores fases da minha vida, a adolescência.. o tempo das paqueras! Acho que eu tinha uns 15 anos, lembro-me que ia nas matinês do cinema, eu tinha que levar junto todos os meus sobrinhos para cuidar de mim. Namorar não era assim como hoje, nem na mão podia pegar, beijinho então? Nem se fala!

Eu tinha um namorado chamado Lauro e uma vez, em uma das sessões, ganhei um beijo dele no rosto, escondido. Nossa! Fiquei dias lembrando da sensação, como foi bom!! Pena que o que é bom dura pouco, o tempo passa e as coisas mudam, os costumes são outros e os princípios se perderam...

- **CLOTILDE:** Alguém tem alguma história de terror?

- **CACAU:** Eu tenho! Eu lembro bem que quando eu era pequeno, a minha querida mãe, ao sair de casa pela manhã, primeiro ela tinha que passar no necrotério, no Hospital Santa Casa pra ver se não tinha morrido alguém conhecido, era todos os dias como hábito. Chegando lá, ela descobria o lençol que estava o defunto pra ver se era conhecido.

Certo dia, ela entrou e tinha 3 corpos, descobriu um: não era conhecido; descobriu outro: não era conhecido, e para nossa surpresa, quando descobriu o terceiro: o defunto sentou na mesa e ela saiu correndo de lá, sem olhar pra trás! Depois disso, nunca mais foi ao necrotério, só escutava as notícias de falecimento pelo rádio.

Mais tarde, viemos a descobrir que era um andarilho que viu a porta aberta e entrou para dormir!! Essa história foi de arrepiarrrrr!!

- **TODOS:** Que horror (risos)

- **NETINHA:** Lembro-me de que quando estava com 8 anos, estudava no Grupo Escolar Prof. Júlio Teodorico. Todo ano as professoras apresentavam um festival com danças,

poesias e cantos para encerrar o ano letivo. Eu participei de um bailado que hoje seria uma ginástica rítmica.

O figurino era uma jardineira de cetim prateado, em cada mão tínhamos um disco de lata preso com elástico, os movimentos eram feitos ao som da música Gaivota Stephania. Meu único irmão estava assistindo, quando terminou a apresentação ele disse: "Se demorasse mais um pouco você ia perder a língua, de tanto morder"!

- É tão bom lembrar, mas sabe já nem sei o que pensar da vida, adoro o Natal, mas já estou velha para tantas coisas, me sinto tão cansada e velha.

Cada um à sua maneira, falando alto e ao mesmo tempo, tentava animar uns aos outros, em especial à NETINHA.

Em meio a tantas conversas ali, ouvem-se duas batidas leves na porta. Elas passam a falar mais baixo e olhar em direção à porta, curiosas para saber quem era. E NETINHA vai até a porta para ver quem é. Ao abrir a porta, ela olha, olha e não vê ninguém.

- **NETINHA:** Que estranho, aqui não tem ninguém.

NETINHA pega o papel:

- **NETINHA:** De quem será isso?

- **DELI:** Ixi NETINHA, você deve ter encomendado algo e não se lembra.

- **M. TEREZA:** Mas vamos ver sobre o que é!

- **SOLANGE:** É, abre logo isso que já tô curiosa!

E NETINHA começa a abrir o envelope e lê: "*PARA NETINHA*":

- **TODOS:** Uma CARTA?!!!

- **CLOTILDE:** Quem será que enviou isso?

- **CACAU:** Deve ser um fã!

- **IRENE:** Abre logo!

- **GAÚCHA:** Mas quem será?

E enquanto todos os outros ficam incrédulos pensando quem poderia ter enviado a carta, CATARINA observa a situação e diz:

- **CATARINA:**? NETINHA, abre o envelope e leia.

Então, NETINHA com mais atenção, abre o envelope puxa o fino papel:

HOLOFOTE NA CARTA

TOCA MUSICA JESUS ALEGRIA DOS HOMENS

- **NETINHA:** "Querida NETINHA, gostou da surpresa"?

O que é o Natal para você? Seria a satisfação em ganhar presentes? Seria ter pensamentos negativos? Seria lembrar-se dos momentos que a vida já nos proporcionou e agradecer a ela?!

Ou seria lembrar-se do verdadeiro espírito de Natal?!

Seria lembrar o sacrifício que Jesus Cristo fez por nós?! Ou seria o momento que mais deveríamos refletir sobre quem somos?

Seria o momento de agradecer à cama quentinha, a todos aqueles que cuidam de nós ?!

Ou seria lembrar que mais do que ter é preciso ser?

Foi por isso que fiz deste dia um dia tão especial! Eu fiz com que seus amigos fizessem essa surpresa pra você.

Que vocês se reunissem e lembrassem de que a vida é feita de histórias, sejam elas alegres ou tristes. Que vocês todos nunca percam a fé.

Feliz Natal,

Papai Noel.

Ao ler o pequeno bilhete, NETINHA e todos se olham com os olhos cheios de lágrimas e dizem:

- **TODOS:** Feliz Natal!!

VAI FECHAR A PEÇA COM A MÚSICA “BATE O SINO.”

TODOS SE CUMPRIMENTAM E AGRADECEM. BLECAUTE.

APÊNDICE C - FEEDBACK DA PEÇA

Como vocês se sentiram na peça?

VALDEREZ: *muito bem.*

Mas como foi a sensação de estar no palco?

CATARINA: *Eu me senti assim, lá nos tempos de 1900... e lá vai cacetada. Muito bom! E a gente arrumava aquela mesa enorme e tinha oito dez pessoas sentadas em volta... Aquela coberta de pena existia mesmo, minha mãe sacudia ela e punha tudo as pena amarradas de um lado com uma corda, uma parte, secava e depois ela lavava outra parte. Eu morria de dó de ela depenar os bichinhos porque ela tirava as penugens deles. Me senti muito bem!*

E teve algo que não os agradou? Tanto na forma de atuar, como algo que possa ter acontecido em cena? Não é preciso citar nomes.

VALDEREZ: *Nossa professora, eu não esperava que saísse tão bem assim. Eu adorei! Minhas colegas são grandes artistas, mostraram hoje e eu sou cada dia mais fã delas e de você também professora, correu tudo muito bem. Eu acho, é a minha opinião, não teve falha, não teve nada, como às vezes nos nossos ensaios né, que tinha que repetir três ou quatro vezes porque uma esquecia... Hoje foi maravilhoso. Essa é a minha opinião.*

MARIA TEREZA: *A minha opinião também, gostei bastante, nossa! Fiz assim uma coisa que tô sempre fazendo, mas adorei hoje todo mundo ali, a gente sabendo um pedacinho de cada pessoa e gostei bastante. Ih, até minha família veio ali ver nós e tudo, prestigiando nós, eu adorei. Fiquei, nossa, contentíssima. Só que no finalzinho nós nos atrapalhamos um pouco, foi a única coisa que nós erramos. Eu achei né...*

IRENE: *Bom, eu me senti naquela época que eu brincava de dar aula, sabe? Parece que veio toda aquela época. Mas e o teatro, a nossa apresentação eu acho que foi maravilhosa, deu tudo bem certo. A gente tava com um pouco de medo né, a primeira apresentação com você e a gente queria fazer o melhor né por causa da sua tese. E nós todos procuramos fazer bem direitinho e eu acho que valeu muito a nossa apresentação, eu adorei! Gostei muito mesmo, foi muito bom.*

MARIA TEREZA: *Graças a você!*

Enquanto interpretação, o que é que mudou?

NETINHA: *Eu posso dizer que hoje eu me esforcei bastante, porque eu nunca fiz personagem triste e hoje tava bem diferente do meu temperamento. Então, eu procurei encarnar mesmo o personagem, porque eu fiquei triste, chorara e não chorava. Enfim, foi uma coisa completamente diferente de tudo que eu já fiz em teatro, sou mais de comédia. Mas eu achei assim que não teve um se não, acho que tava tudo joia, a pessoa se movimentava quando tinha que movimentar, ir pra lá e pra cá, cada um contou sua história espontaneamente. Eu acho assim que... nota 10, para não dizer 1000.*

ALMARINA: *E você sabe que ela falou uma coisa que eu ia falar, que ela se sentiu lá... e eu naquela hora ali, fazia de conta que eu tava com os meus irmãos, até me deu vontade de falar o nome deles, mas aí eu achei que seria muito e não falei. Mas eu me senti naquela mesa, comendo mesmo, que a mãe era brava mesmo pra gente, quem levava mais chicotada era eu.. então também eu adoro isso aí e toda vez que falo que não venho pra aula, mas não consigo ficar sem vir.*

Eu gosto muito mesmo. Pra mim tá tudo bom, quando a gente tá lá.. eu esqueço as coisas Graci, esqueço mesmo.

DELI: *A gente se desliga de tudo, não só lá fora, as vezes até do lado da gente a gente acaba se desligando porque a gente dá da gente o melhor e procurar fazer o melhor. E não só pra gente, tem que pensar em cada um e em você, porque se um ou outro deixar um buraco, a outra já né... “a fulana se perdeu” e isso é ruim. Mas graças a Deus hoje não, hoje deu pra ver que todo mundo entrou na sua horinha bem certinho né.*

SOLANGE: *Bom, eu pra contar a minha passagem, eu fiquei feliz porque a minha mãe e a minha sobrinha chegaram bem na horinha da hora que eu fui me apresentar. Então foi tudo maravilhoso.*

TEREZINHA: *Eu vou falar a verdade...*

NETINHA: *Antes da apresentação eu tava bastante apreensiva, falei não sei pra qual que me perguntou: “você tá quieta, o que tá te acontecendo?” E eu disse, uma nuvem escura está pairando sobre o teto, vamos fazer oração; porque tava uma tensão assim sabe? Eu sei que é normal, todo mundo tava preocupado e eu tava... e olha que pra eu tá quietinha é porque a coisa tava preta.*

TEREZINHA: *Eu, tava morrendo de medo porque eu nunca falei pra públicos assim, nunca falei. Mas quando eu comecei falar, parece que incorporou não sei quem aqui*

oh! Falei! Verdade! Nossa, ela me puxou pra baixo, porque eu tava subindo já, de tão feliz. Eu amei.

CACAU: *Eu só tenho que dizer uma coisa Graci. Eu acompanho o teatro Ativo aqui da UATI há cinco anos, com a Deli e to aqui, desde que ela entrou e eu acompanho muitas apresentações, em vários lugares. E esse ano, do segundo semestre pra cá, o teatro deu uma crescida muito grande, até assustadora mesmo, ele começou a aparecer, mesmo nas tardes de talentos. Então eu vi que de lá pra cá o teatro está aparecendo agora, ele ta crescendo aqui dentro e tá na ativa e se movimentando mais do que a gente tem visto no passado. É isso que eu tenho a falar do que eu percebi hoje.*

CLOTILDE: *Graci, me lembrei. Quando a gente viu ali que eram 16:00 horas e tinha bem pouquinha gente, nós pensamos: mas pra quem que nós vamos nos apresentar? Que tristeza...*

VALDEREZ: *Essa era a preocupação.*

CLOTILTE: *E dali a pouco, aquele burbulhão de gente... ufa que bom!*

ALMARINA: *E eu, digo por mim, cada ano eu penso: não vou mais. Mas um bichinho fica... não adianta, tenho que vir!*

SOLANGE: *Eu tava tão concentrada, que eu não percebi a atuação dos espectadores, mas das minhas amigas eu vi que eles viram, que riam, que gostaram. A minha eu não lembro...*